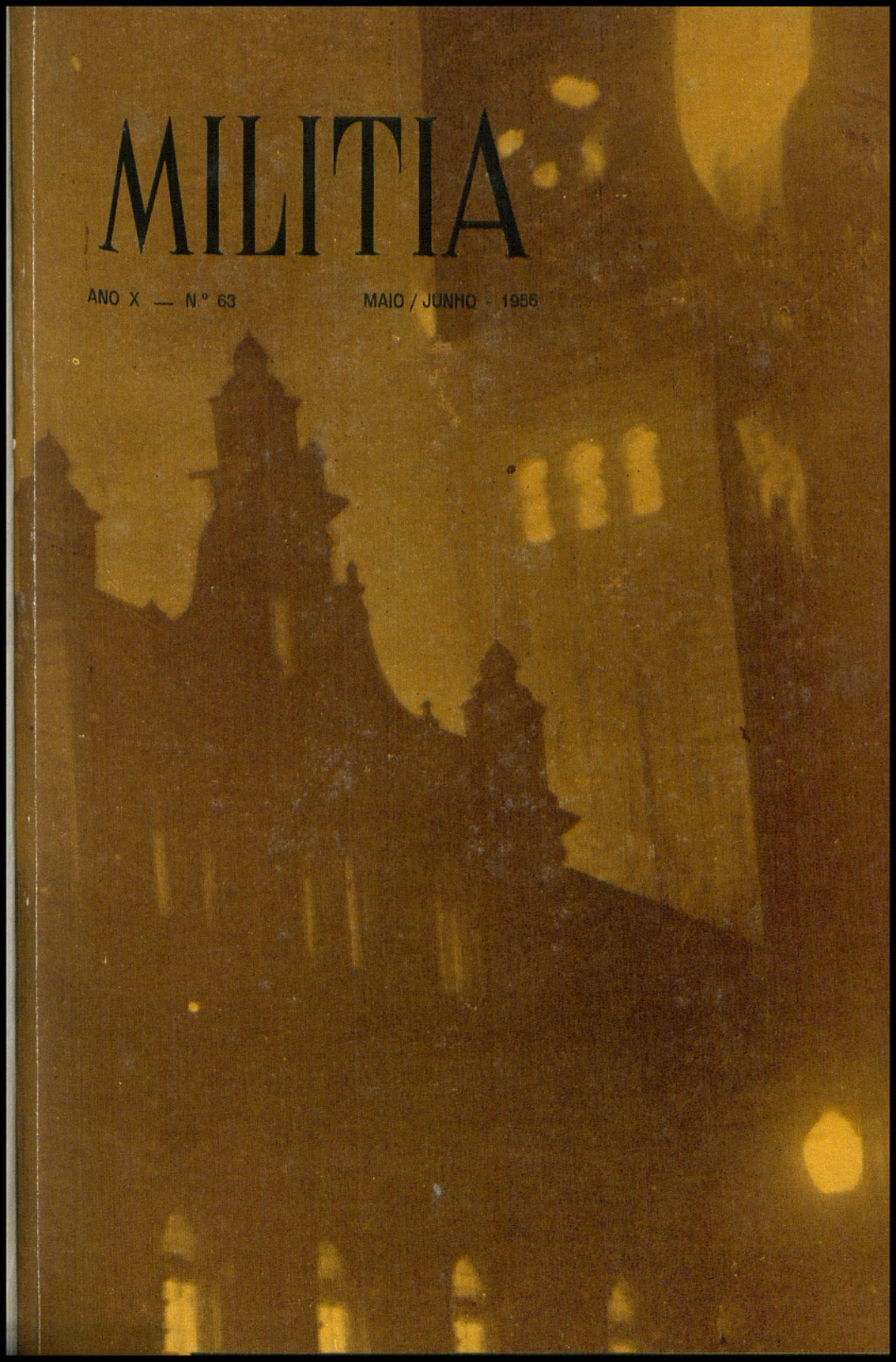


MILITIA

ANO X — N.º 63

MAIO / JUNHO - 1956



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
O Poder de Polícia e Seus Limites — Professor Cáo Tácito	6
... e Viva o Trabalho — M. Sendin	14
Promovido a Cabo Por Ato de Bravura — Monte Serrat Fº	17
Oração a U'a Mãe Esquecida — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro	19
Seleção — 1.º Tenente Sérgio Vilela Monteiro	20
Adestramento — Issor	24
Uma Volante em Marcha... — Major Edson Franklin de Queirós	28
O Cacoete — Major Olímpio de Oliveira Pimentel	32
Contribuição Para o Estudo das Causas e Prevenção da Delinquência Infantil — Dr. Isaac Miernick	35
Uma Escola Instrutiva a Serviço da Coletividade — Prof. Irnak Cardoso Malta	38
Diek — Menotti Del Picchia	40
Secção Feminina — Rita de Cássia	42
Desvios de Efetivos da Força Pública Para Desfiles e Exibições	50
O Cabo de Ordens do Governador Alberto Maranhão — Luís da Câmara Cascudo	52
NOTICIARIO	
Polícia Rodoviária do Estado	54
O Dia 24 de Maio no Centro de Formação e Aperfeiçoamento	58
NOTICIAS DAS CO-IRMAS	
Bahia	62
Distrito Federal (Polícia Militar)	63
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros) e Maranhão	68
Minas Gerais	69
Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul	71
EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS	
X Campeonato Paulista Universitário de Esgrima	74
Hipismo — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro	76
RECREAÇÃO	
Secção de Edipo	80

Aperfeiçoando

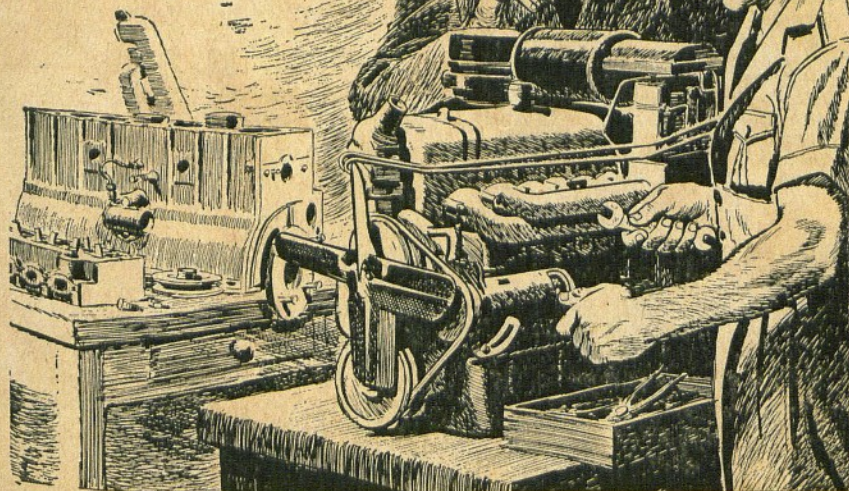
mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto —
uma das primeiras preocupações da General Motors
foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis,
visando criar a indispensável mão-de-obra
especializada para atender ao surto impressionante
dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas
facilidades foram desde logo estendidas também
às nossas forças armadas, que permanentemente vêm
formando especialistas nesses cursos da
General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos
continua em pleno funcionamento e este
é apenas um aspecto da ampla participação
da General Motors na vida
nacional — e de seu desejo constante de
colaborar com o público e com as
autoridades — nos mais diversos setores.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO



Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
CÓFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jaú	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lengóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Cacapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olímpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuí	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

Não é demais insistir. Ao contrário, de há muito acordamos em que a matéria, por inestimável, deve ser abordada amiúde, sem, praticamente, solução de continuidade. Há que completá-la pela discussão construtiva, há que esclarecê-la pelo comentário sadio. Eis por que voltaremos ao seu trato tantas vêzes julgemos oportuno. Dela trataremos sempre, é certo, porque nada nos diz seja inconveniente uma luta sem tréguas, sem esmorecimentos, quando os seus propósitos, por muito sadios, são realmente indiscutíveis e inatacáveis. De outra forma, nada há a contradizer-lhe a valia como elemento fundamental à solução de problema que não é nosso, apenas, já que preocupa tôda a Nação. Prosseguir na marcha para frente, pois, é o que nos cumpre, e com aquêle mesmo entusiasmo com que a iniciamos ao realizar o memorável I Congresso Brasileiro das Polícias Militares.

É bem de ver que nos estamos dirigindo às co-irmãs, alertando-as. Não, frizamos, porque as julgemos afastadas da causa, quer por desconhecimento, quer por desinteresse. Absolutamente não, eis que as sentimos vivas e com a mesma disposição de luta que sempre as caracterizou. Este chamamento é apenas um ato de rotina em prol do desenvolvimento normal da jornada. Significa, também, a afirmação de que estamos alertas, com os olhos postos no objetivo a ser alcançado a todo custo.

Reunidos em São Paulo, faz 3 anos, os policiais-militares do Brasil elaboraram um ante-projeto de lei — tão nosso conhecido, aliás — que, de certa forma, atende aos interesses gerais da classe. Foi o início da caminhada. Cumprida nos prosseguir, no entanto, já que o fim reside na sua transformação em lei, em norma garantidora do trabalho edificante que haveremos de ampliar em proveito da sociedade. E prosseguimos. Sem alardês, mas com decisão, vimos pesando as oportunidades, auscultando as opiniões, afastando dúvidas, num preparo lento, mas seguro, do terreno em que a batalha será decidida.

Por iniciativa feliz dos nossos camaradas da Polícia Militar de Goiás, já se encontra na Câmara dos Deputados o nosso ante-projeto. Iniciou-se, destarte, a decisiva fase do embate.

Podemos assegurar que já nos integramos à refrega. E não vemos por que não acreditar no seu êxito, já que unidos, dispostos, confiantes, conseguiremos, todos os policiais-militares do Brasil, provar aos legisladores o acêrto e a conveniência das nossas reivindicações.

O PODER DE POLÍCIA E SEUS LIMITES

Caio Tácito

Professor da Faculdade de
Direito do Rio de Janeiro

SUMÁRIO: 1 — O poder de polícia e o liberalismo 2 — Conceito clássico e moderno: a obrigação de não perturbar e a obrigação de manter a ordem social. 3 — O poder de polícia e a ordem econômica. 4 — O poder de polícia no direito francês e italiano. 5 — O poder de polícia no direito americano: relação entre o "police power" e o "due process of law". 6 — Poder de polícia e poder discricionário. 7 — A finalidade do ato de polícia e o desvio de poder. Outros limites ao poder de polícia. 8 — Polícia judiciária e polícia administrativa. 9 — Meios de ação de polícia. 10 — Controle jurisdicional dos atos de polícia. 11 — Competência de polícia.

1 — Uma das mais árduas tarefas em Direito Público é a de conceituar, em seus exatos contornos, o poder de polícia. Sendo, embora, um "poder orgânico, elementar, fundamental, a que estão ligadas as exigências capitais de conservação da sociedade", a renovação de seu conteúdo acompanha as mutações históricas do Estado. Mesmo contemporaneamente, não é pacífico o entendimento sobre o âmbito constitucional de sua atuação que traduz, em última análise, o endereço político do Estado, reagindo às solicitações de interesses econômicos e sociais eminentes.

Etimologicamente, o vocábulo se confunde com a própria organização da comunidade. Polícia (do grego "politeia", por intermédio do latim "politia"), equivale à administração da cidade (polis). Historicamente, corresponde à noção de soberania dos príncipes e serve de alicerce ao absolutismo.

Com a implantação do liberalismo e a subordinação do Estado ao princípio da supremacia da lei, possibilita-se a consagração de direitos públicos subjetivos, reconhecidos e resguardados pela ordem jurídica. O individualismo político se caracteriza, essencialmente, pela garantia de direitos individuais inalienáveis e intangíveis, emanados da comunhão social. A revolução liberal, cristalizada nos princípios da Declaração de Independência americana e na Declaração de Direitos do Homem, é um episódio da revolta do cidadão contra o Poder, segundo a imagem célebre de Alain: "a reação contra o despotismo, alicerçada no realce da personalidade humana e da Razão como centros da ordem constituída, "un mouvement puissant de rejet de toutes les dominations arbitraires, de destruction de tout pouvoir irrationnel, de toute souveraineté de droit divin, personnelle, héréditaire, patrimoniale".

Nesse quadro de renovação social o Estado se coloca, unicamente, como um poder de equilíbrio, prevenindo e corrigindo os entrechoques individuais, segundo a fórmula francesa, logo internacionalizada no movimento racionalista do século XIX, de que "a liberdade consiste em fazer tudo aquilo que não é nocivo aos demais". A autoridade cabia somente um papel negativo, de evitar a perturbação da ordem e assegurar o livre exercício das liberdades públicas. A medida, porém, que se acentua, no interior da sociedade, a desigualdade entre os indivíduos, especialmente pelo abuso do poder econômico, a ação repressiva do Estado evolui no sentido do crescente intervencionismo; o princípio da autoridade se torna dinâmico, agindo, em função do interesse público, para restringir e condicionar o exercício de direitos e liberdades por indivíduos, grupos ou classes.

O poder de polícia, que é o principal instrumento do Estado no processo de disciplina e continência dos interesses individuais, reproduz, na evolução de seu conceito, essa linha ascensional de intervenção dos poderes públicos. De simples meio de manutenção da ordem pública ele se expande ao domínio econômico e social, subordinando ao controle e à ação coercitiva do Estado uma larga porção da iniciativa privada.

"C'est ici qu'apparaît le mieux — étant donnée l'atteinte directe, brutale que le pouvoir de police inflige aux libertés au nom de l'ordre public — le conflit entre les besoins de l'action administrative et le respect dû aux activités humaines ou, comme l'on dit couramment le conflit autorité-liberté".

O poder de polícia é, em suma, um instrumento de defesa social em

sentido amplo, inspirando-se naquele estado de necessidade a que se refere Bielsa e se dilatando na proporção em que se exacerbam as lesões efetivas ou potenciais à ordem pública ou à ordem jurídica.

2 — A concepção do poder de polícia como simples processo negativo de manutenção da sociedade contra os excessos individualistas, domina a doutrina clássica e encontra seus melhores intérpretes nos autores germânicos anteriores à dominação nazista.

Otto Mayer contrapõe, expressivamente, às atividades de polícia — aplicadas à estabilização da ordem social — as manifestações propriamente sociais, enquadradas na previsão administrativa (Pflege). O poder de polícia consiste, em suma, na ação da autoridade estatal para fazer cumprir o dever de não perturbar a boa ordem da coisa pública (gute Ordnung des Gemeinwesens). E' em torno à noção desse dever geral de respeito à ordem coletiva que repousa toda a construção teórica da faculdade do Estado de regular a atividade individual. A sua tese se resume, nitidamente, nessa conclusão específica:

"En definitiva, el resultado de cada una de las aplicaciones del poder policial no será jamás otro que este: que este hombre no perturbe".

E' no mesmo dever de não perturbar que Fritz Fleiner coloca o pedestal da ação de polícia do Estado, excluindo de sua ingerência a missão de favorecimento do bem estar público, como por exemplo, a interdição de construir emitida com o intuito de proteger a visibilidade de monumento nacional.

O poder de polícia se condensava, em suma, em seu lineamento tradicional, à garantia da segurança, da tranqüi-

lidade e da salubridade públicas. Sômente quando a atuação do Estado se endereçava a essas finalidades poder-se-ia falar em medida de policia.

3 — O conceito moderno ultrapassa, porém, as fronteiras conservadoras para reconhecer ao Estado um papel mais amplo e ativo na promoção do bem estar geral, estabelecendo não sômente no tocante à ordem pública, mas sobretudo no sentido da ordem econômica e social, normas limitadoras da liberdade individual, que se exercem, em grande parte, por meio do poder de policia.

Escreve, nesse sentido, Gabino Fraga:

"Pero el poder de policia adquiere una extensión cada vez mayor en los Estados modernos, en que otros intereses, distintos de los de orden, seguridad y salubridad, van desarrollándose y en que, por lo tanto, es indispensable conciliarlos con los intereses individuales.

"De esta manera, el regimen de policia que, en un sentido restringido, sólo comprende los tres intereses primarios a que nos hemos referido, va extendiéndose para proteger los nuevos intereses que reclaman satisfacción en estados sociales más avanzados".

Já, entre nós, Rui Barbosa, em trabalho de 1915, se referia, sob a invocação de Freud, a dilatação do território afeto ao poder de policia:

"Prácticamente, os interesses, em que consiste o bem público, bem geral, ou bem comum, "public welfare", cometido à discrição do poder de policia, abrangem duas grandes classes: os interesses econômicos, menos diretos, menos urgentes, menos imperiosos, mais complexos, e os interesses concernentes

à segurança, aos bons costumes, à ordem, interesses mais simples, mais elementares, mais preciosos, mais instantes em qualquer grau de desenvolvimento social nas coletividades organizadas e policiadas".

A passagem do tempo sômente terá modificado o pronunciamento do grande mestre no sentido de nivelar em suas repercussões sociais, as duas categorias de interesses protegidos pelo poder de policia: é que o fenômeno econômico assumiu relêvo mais urgente, collocando-se sob a proteção especial do Estado. Aliás, a rigor, mesmo no conceito clássico de estrita manutenção da ordem, da segurança e da tranqüilidade públicas, caberia a disciplina da atividade econômica, desde que, pela sua agudeza e hipertrofia, ela se convertesse em ameaça à paz social e à estabilidade coletiva.

4 — E' curioso anotar, no entanto, que a doutrina francesa se mantém, via de regra, dentro do limitado conteúdo de defesa da ordem pública, da segurança e da salubridade. E' que influi, decisivamente, nesse sentido, a manifestação expressa do legislador, fixando, como objeto da competência da autoridade municipal em matéria de policia, "assurer le bon ordre, la sûreté et la salubrité publiques". A própria lei, no entanto, tem ampliado, largamente, os poderes gerais de policia, criando as chamadas polcias especiais. Por outro lado, a teoria dos poderes de guerra elaborada pelo Conselho de Estado, a propósito do conflito de 1914-1918 e revivida, recentemente, em torno da última conflagração mundial, admite agravações excepcionais do poder de policia, mesma sem prévia autorização legal.

Também na Itália, inspirando-se em quadro legal semelhante, a doutrina tem conceituado a polícia administrativa em termos muito aproximados do figurino gaulês. Com poucas variações, menos de conteúdo do que de latitude de ação, poderemos encontrar em Ranelletti, Santi Romano, D'Alessio ou Zanobini, a vinculação das atividades de polícia à preservação da ordem, salubridade e segurança públicas:

5 — Profundamente diverso se apresenta o sentido do poder de polícia na doutrina e na jurisprudência americanas. Enquanto nos países europeus a sua caracterização se limita apenas a aquelas formas de limitação de direitos individuais emanadas da Administração (e, portanto, sujeita ao princípio da anterioridade legal), nos Estados Unidos o "police power" se apresenta, sobretudo, em referência ao exercício da função legislativa. Daí o seu deslocamento, em grande parte, para a esfera do Direito Constitucional, onde tem sido intensa e variável a construção, especialmente na jurisprudência da Suprema Corte, das grandes linhas do instituto.

A expressão "police power" surge, pela primeira vez, em 1827, utilizada por Marshall no caso *Brown v. Maryland*, voltando, dez anos mais tarde, a ser usada no caso *Mayr of New York v. Miln*, tornando-se, pouco a pouco, de emprêgo comum. Em uma das primeiras definições, no caso *Commonwealth v. Alger* (1853), dizia o Chief Justice Shaw, depois de aludir à relação dos direitos de propriedade, subordinados aos demais interesses individuais e aos da coletividade:

"The power we allude to is rather the police power, the power vested in the legislature by the Constitution to

make, ordain, and establish all manner of wholesome and reasonable laws, statutes, and ordinances, either with penalties or without, not repugnant to the Constitution, as they shall judge to be for the good and welfare of the Commonwealth, and of the subjects of the same".

Tendo como origem os poderes residuais constitucionalmente atribuídos aos Estados, o "police power" passou a corresponder, no sentido mais amplo, a competência legislativa estadual para regular os direitos privados em benefício dos interesses coletivos. A sua latitude alcança não somente os casos de segurança, moralidade ou salubridade públicas, mas todas as iniciativas visando à conveniência pública ou à prosperidade geral (casos *C.B. & Q.R.R. Co. v. Grimwood*; *Bacon v. Walkell*; *Enbank v. Richmond*) ou, como ficou dito no caso *Noble Bank v. Haskeel*:

It may be said in a general way that the police power extends to all the great public needs".

O poder de polícia subordina, por essa forma, todos os direitos individuais à regra do bem comum, aplicando a máxima "sic utere tuo ut alienum non laedas". Em sua extrema expressão, condiziria, como salientou Mathews, ao abandono da filosofia individualista do "laissez faire" e a aproximação do coletivismo.

Surge, porém, na jurisprudência americana, um retrocesso no alcance do "police power" dos Estados em relação aos grandes interesses econômicos de âmbito interestadual e nacional. Calcado, de início, na liberdade de comércio interestadual (*interstate commerce clause*) e de contrato (*contract clause*), mas, sobretudo, no requisito do processo legal próprio (*due process of law*)

o interesse privado poderosamente constituído pela prosperidade da indústria e do comércio combateram, repetidamente, a aplicação do "police power", pelos Estados.

A revolução industrial exigia do Estado uma atitude de abstenção: a de não interferir em seu extraordinário desenvolvimento e na conseqüente concentração de poder nas grandes indústrias. A doutrina dos "vested rights", segundo a qual certos direitos fundamentais estavam acima do controle do Governo, servia a esse propósito e, embora derrotada na primeira metade do século XIX pelo princípio da soberania popular, viria a ressurgir, na segunda metade dele, pela construção da cláusula do "due process of law" como um antídoto ao "police power" estadual.

Alfred H. Kelly e Winfred A. Harbison, em notável estudo sobre as origens e o desenvolvimento da Constituição americana, evidenciam o alcance pragmático dessa tendência:

"What business needed was a means whereby the prevailing doctrine of laissez-faire economic theory could be written into constitutional law as a positive protection against "unreasonable" legislation".

O caminho para a interpretação individualista da Constituição foi aberto pela invocação da regra consagrada, desde 1791, na 5.ª Emenda e reproduzida, em 1868, na 14.ª Emenda como limitação à competência estadual:

"No State shall make or enforce any law which shall abridge the privileges or immunities of citizens of the United States; nor shall any State deprive any person of life, liberty, or property, without due process of law".

A história da 14.ª Emenda comprova que o seu enderêço era, estritamente,

o de assegurar a todos garantias processuais idôneas: era, em suma, uma regra de puro teor adjetivo, e assim a entendeu, inicialmente, a Suprema Corte, que nos Slaughterhouse Cases e nos Granger Cases, recusou a concepção substantiva da "due process clause". A partir de 1877, a jurisprudência cede terreno, porém, à pressão dos interesses dominantes e à noção capitalista do papel de neutralidade do Estado.

A época áurea do capitalismo americano, com a correspondente prosperidade nacional, encontra na simpatia dos tribunais um aliado poderoso. O Judiciário assume a supremacia política e se inicia a fase do "governo dos Juizes".

Roger Pinto, em livro recente, no qual atestou a extinção do mito judiciário americano, assinala:

"Ainsi fut consacrée dans les années 90 l'alliance du juge et du capitaliste sous les auspices des grands avocats du temps. La Cour Suprême devient gardienne de l'orthodoxie économique".

O largo e indefinido conteúdo da "judicial review", que dominou o cenário americano no primeiro quartel do século atual, colocou o Supremo Tribunal, por meio do seu poder de veto aos atos legislativos, como "a king of negative third chamber both to the state legislature and to Congress".

"Due process" e "state police power" tornaram-se, assim, expressões antinômicas, como símbolos da oposição da iniciativa privada e do interesse público. E nesse antagonismo visceral cabia sempre ao Poder Judiciário a opção definitiva: "The Supreme Court became, in great detail, the arbiter of what the states might do".

Cessa, porém, gradualmente, o prestígio incontestado do capitalismo auro-

la quase romântica dos capitães de indústria; os conflitos sociais dia a dia mais agudos, o fortalecimento da classe operária por meio da organização sindical e os primeiros sintomas da crise econômica, afinal desencadeada em 1929, vão fortalecendo o sentido intervencionista do Estado, já então no âmbito federal. Firma-se um novo "federal police power" que serve de vanguarda à futura reforma do New Deal, todo êle concebido dentro do espirito de rigorosa regulamentação da iniciativa privada.

Depois de resistências iniciais, a Suprema Corte abdica de sua predominância política e se submete à nova era de fortalecimento do Poder Executivo. O "governo dos juizes" agoniza lentamente. Os votos vencidos de Holmes e Brandies, na Corte conservadora, são o espelho e a bússola da nova Corte Suprema. A presença constante do Estado na disciplina das liberdades individuais tornou-se não somente aceita, mas desejada, porque, conforme o lúcido diagnóstico de Swisher, formara-se a convicção de que a escolha não era entre os conceitos de liberdade e autoridade, mas entre o controle público e o privado;

"... our economic system being what we have made it or permitted it to become, the choice of the American people is not between genuine freedom, on the one hand submission to governmental control, on the other. The choice rather is, in a high degree, one hand, and control by the business instruments of our economy, on the other".

O papel desempenhado pela cláusula do "due process of law" como força de repressão ao poder de polícia perde, assim, o seu objetivo, ficando relegado ao "museu das antiguidades constitucionais" (Roger Pinto). O princípio conserva, somente, sua importân-

cia como garantia da regularidade processual, especialmente em matéria penal.

A concepção peculiar ao direito público americano do "police power" como processo legislativo de limitação dos direitos e liberdades individuais transporta-o, como vimos, para o campo mais largo do Direito Constitucional. Paralelamente, contudo, se assinala, também, na ação propriamente administrativa, a faculdade de regular, dirigir e coordenar as atividades individuais, de acôrdo com o interesse público. Entre as formas do poder administrativo "administrative powers", se colocam as várias modalidades do poder de polícia, no sentido atribuído à expressão pelo Direito Administrativo. Seja pelo poder regulamentar (rule making power) como pela faculdade de ordenar ou executar (directing ou sumary power) não são estranhos à doutrina americana os processos de ação da polícia administrativa.

6 — O poder de polícia é, em suma, o conjunto de atribuições concedidas à administração para disciplinar e restringir, em favor de interesse público adequado, direitos e liberdades individuais. Essa faculdade administrativa não violenta o princípio da legalidade porque é da própria essência constitucional das garantias do individuo a supremacia dos interesses da coletividade. Não há direito público subjetivo absoluto no Estado moderno. Todos se submetem, com maior ou menor intensidade, à disciplina do interesse público, seja em sua formação ou em seu exercício. O poder de polícia é uma das faculdades discricionárias do Estado, visando à proteção da ordem, da paz e do bem-estar sociais.

Não se confunde o poder discricionário com o arbítrio irresponsável. A capacidade de auto-determinação naqueles setôres em que a lei não vinculou o

procedimento do administrador se executa, apenas, no tocante a determinados elementos do ato administrativo, num sistema por assim dizer de liberdade vigiada, porque, como fixou modelarmente Seabra Fagundes, "no que concerne à competência, à finalidade e à forma, o ato discricionário está tão sujeito aos textos legais como qualquer outro".

O poder discricionário é, afinal, a faculdade concedida à administração para apreciar o valor dos motivos e determinar o objeto do ato administrativo, quando não o preestabeleça a regra legislativa. Ele se submete não somente a limites externos (que Vitor Nunes Leal chamou, simbolicamente, de horizontais), como sejam a competência, a forma e a existência material dos motivos, como também a limites internos (que se poderiam descrever como verticais), que dizem respeito à observância da finalidade legal.

7 — O respeito ao fim expresso ou implícito na regra de competência, constitui condição essencial à validade de agir outorgada ao administrador não é construída no vácuo, mas em função de determinados objetivos sociais, que não podem ser ignorados ou subvertidos pelo agente. Não é lícito à autoridade pública atuar senão para o fim previsto na lei. A substituição do interesse público, especificamente considerado na regra de competência, por um interesse privado ou por outro interesse público estranho à finalidade legal vicia, irremediavelmente, o ato administrativo pela figura do desvio de poder (*détournement de pouvoir*).

E', sobretudo, em relação aos atos de polícia, por sua natureza discricionária, que o controle da legalidade do fim objetivado na ação administrativa adquire relevo especial. Ele corresponde à eliminação dos processos maliciosos

e subreptícios (e, por isso mesmo, socialmente mais nocivos) de arbítrio administrativo acobertado pelo aparente respeito à lei.

O exercício do poder de polícia pressupõe, inicialmente, uma autorização legal explícita ou implícita atribuindo, a um determinado órgão ou agente administrativo, a faculdade de agir. A competência é sempre condição vinculada dos atos administrativos, decorrentes necessariamente de prévia enunciação legal. A sua verificação constitui, portanto, outro limite à latitude da ação de polícia, que somente poderá emanar de autoridade legalmente habilitada.

Na escolha dos meios de ação administrativa, ou seja, no tocante ao objeto, está igualmente limitado o poder de polícia. Embora decidindo discricionariamente da oportunidade ou conveniência das medidas administrativas, ou mesmo da forma de sua materialização, deve a autoridade se utilizar de meios compatíveis com a lei: "en matière de police — destaca Roger Bonnard — la fin ne justifie pas tout moyen". O objeto do ato de polícia deve ser não somente lícito, mas idôneo e proporcional à ameaça à ordem jurídica.

Importando, via de regra, o poder de polícia em restrições a direitos individuais, a sua utilização não deve ser excessiva ou desnecessária, de modo a não configurar um abuso de poder. Não basta que a lei possibilite a ação coercitiva da autoridade para justificação do ato de polícia. E' necessário, ainda, que se objetivem condições materiais que solicitem ou recomendem a sua inovação.

A coexistência da liberdade individual e do poder de polícia repousa na conciliação entre a necessidade de respeitar essa liberdade e a de assegurar a ordem social. O requisito de conve-

niência ou de interesse públicos é, assim, um pressuposto necessário à limitação dos direitos do individuo.

8 — O poder de policia é, essencialmente, preventivo. E' necessário distinguí-lo daquela atividade preliminar, a repressão penal também exercida pelas autoridades policiaes. A doutrina franceza criou, como critério diferenciador, a separação entre a policia judiciária e a policia administrativa. A primeira, de natureza repressiva, incumbida de apurar a responsabilidade e de encaminhar à justiça os autores de infrações penais. A segunda, de finalidade preventiva, votada à manutenção da segurança, ordem e tranqüillidade públicas, como meio de resguardar o meio social de ofensas potenciaes.

O poder de policia, no sentido que lhe attribui o Direito Administrativo, é peculiar, unicamente, à policia administrativa: "sólo la policia administrativa (afirma Otto Mayer, citando Loning e Von Sarwey) es verdaderamente policia". No mesmo sentido se manifesta, ainda mais expressivamente, Roger Bonnard:

"On a cru ainsi qu'il y avait deux polices alors qu'en réalité il n'y a qu'une police, la police administrative; l'autre, la police judiciaire n'étant dénommée police que par abus de langage. Sous le nom de police il ne sera question ici que de la police administrative".

Se a distincção diminui de importância naqueles países, como o nosso, em que se duas modalidades de policia se confundem no mesmo órgão, nem por isso, no plano da natureza intrinseca da função, deixa de se estabelecer uma sensível diversidade entre a ação policial repressiva e o poder de policia do Estado.

9 — O poder de policia se manifesta por intermédio de regulamento de

atos administrativos. Aquêles estabelecem condições gerais de exercicio de direitos ou interesses legitimos e disciplinam o modo de atuação das autoridades administrativas. Os últimos concretizam a relação jurídica administrativa, quer permitindo ou limitando a atividade privada (autorizações, permissões, licenças), quer determinando a conduta individual (ordens administrativas).

As decisões de policia são, por natureza, executórias. A administração tem a faculdade de recorrer a meios coercitivos para compellir ao cumprimento de suas determinações. A coação administrativa, desde que exercida moderadamente e dentro dos quadros legais, é meio essencial à realização do poder de policia.

10 — A legalidade da ação de policia é fiscalizada mediante o contróle jurisdiccional da Administração, cabendo ao Poder Judiciário declarar a nulidade dos atos administrativos viciados de excesso ou abuso de poder (Constituição, art. 141, §§ 4.º, 23 e 24). Por meio de "habeas-corpus" ou mandado de segurança, nos casos de certeza de liquidez do direito violado ou ameaçado e, nos demais casos, por meio de ação cominatória ou anulatória ou, ainda, pelos remédios possessórios, possibilita-se a garantia jurisdiccional contra a ilegalidade administrativa.

11 — A competência de policia pertence, segundo a matéria, à esfera federal, estadual ou municipal, podendo ser concorrente ou exclusiva. Nas hipóteses legais (como por exemplo nos casos dos arts. 18, § 3.º e 153, § 3.º da Constituição) poderá, ainda, ser delegada ou transferida. Dependerá sempre, no entanto, de determinação legal específica ou genérica, não podendo ser presumida ou deduzida por analogia ou extensão.

... e viva o TRABALHO

Corre mundo a lenda de que o trabalho é o salário do pecado original. Eva e sua vizinha «Ofidia» mereceriam, por isso, o ódio atávico dos que são compelidos a trabalhar. Para gáudio, porém, de tais personagens, poucos são os que têm direito de assim proceder; eis que, aceitando a história da «queda» «ipsis-litteris», encontra-se-á «paripassu», a prova de que a instituição do labor a precede e, quem nela não crê, deixa deter objeto para seus rancores.

Quem se circunscreva à narrativa bíblica encontrará a divindade operando, antes, durante e após a criação do homem, da mulher e da serpente, e nem o merecido descanso se lhe nega: «descansou, Deus, no sétimo dia de toda a sua obra».

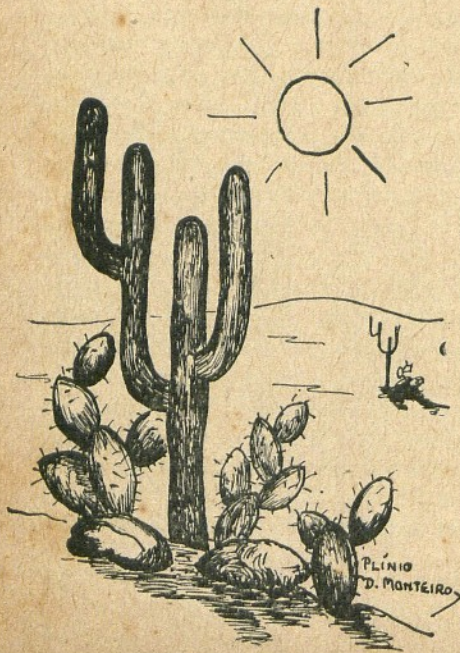
Semelhança de seu criador, o homem está fadado a alternar sua existência, essencialmente ativa, com períodos de inércia legitimamente conquistados.

Afastemo-nos, porém, de tudo o que possa ser arrolado como prejuízo, e a Natureza nos ensinará a lei da rítmica universal, em cuja essência palpitam os harmoniosos ciclos de trabalho e repouso.

Não obstante, há gigantes «deitados eternamente» e cachoeiras como «fontes perenes de energia».

E' que só nos é dado perceber fenômenos situados na escala de nossos sentidos, ou, eventualmente, como que usando condensadores de sintonia, aquilo que os instrumentos reduzem à nossa frequência.

O homem comum, deixa de tomar conhecimento de espaços e tempos situados além ou aquém de sua capacidade natural de percepção, embora ao seu alcance, mediante algum esforço de raciocínio. Como compreender o que seja o elétron contido no átomo, já absurdamente pequeno, e dentro dêste movimentando-se com mais liberdade que os jogadores num campo de futebol? Que grandezas fantásticas serão essas das falas astronômicas, cuja unidade — o ano luz — nos precipita num abismo de quase dez bilhões de quilômetros?



«E pur si muove» convence muito mais que os longos e brilhantes argumentos de Zenon, mas ainda estamos longe de conceber sua real extensão.

Mas, voltemos ao Paraíso para assistir à «oficialização» do TRABALHO.

A julgar pelo Gênesis, o homem foi primeiro lavrador e guarda, sendo a seguir padrinho e notário: «E tomou o Senhor ao homem, e o pôs no jardim do Eden para o lavar e o guardar». «... e tudo o que Adão chamou a tôda a alma vivente, isso foi o seu nome».

Tratando-se de «um jardim de delícias», é claro que lavrá-lo e guardá-lo resultava em agradabilíssima tarefa. Nem haveria mesmo o que fazer, desde que a terra ainda não produzia abrolhos ou carrascais, coisas desnecessárias como prisões onde não houvesse criminosos.

Suave lenitivo para o «dolce far niente» da vida paradisíaca, o trabalho, de bênção necessária, viria a tornar-se necessidade abençoada.

Não se sabe que andaria fazendo Adão enquanto Eva praticava com a serpente. Nem elas se lembraram de pensar nisso, pois Eva foi a única mulher sem «motivas» para interessar-se pelos passos do marido. A cobra «comadre», precursora das comadres «cobras», na falta de outra vítima, desopilou seu veneno contra a divindade.

Chegado Adão, a «inocente» envolveu-o na pendência, dando-lhe a comer a fruta que achara «boa e agradável aos olhos»; infelizmente, não se sabe se êle também gostou...

Violada a ordem divina, passou a terra a «produzir espinhos e cardos». Sendo o primeiro cavalheiro, nosso pai deve ter saído carregando sua frágil e delicada companheira por entre as urzes, com os pés descalços a sangrar.

Aí está a primeira prova de que as mulheres é que devem ser vigiadas. Adão longe das vistas de sua «metade» não fêz nenhuma besteira; esta, em poucos minutos, desgraçou a humanidade inteira.



Além de pisar urtigas, o homem foi condenado a, da terra, «tirar o sustento com trabalhos penosos todos os dias de sua vida».

Ficou, assim, instituído o trabalho «penoso» para o homem que o queira.

Dizemos que o «castigo» é opcional porquanto, respeitadas certos limites, depende mais do executan-



te que do trabalho em si. Atravessar a Mancha a nado ou escalar o Evereste devem ser coisas bem mais penosas que uma hora de trote sem estribos; no entanto, as fotografias de nadadores e alpinistas parecem bem mais felizes que as caras de certos alunos de cavalaria.

O valor que atribuímos à recompensa, o preço em esforço e a proporcionalidade — «para trabalhos iguais, igual remuneração» — são os principais fatores capazes de condicionar a «pena» imposta ao homem por haver provado da «árvore da ciência».

Doze horas de trabalho e o colorário das intempéries não afugentariam o lavrador se a cidade não

lhe sugerisse a visão de fábricas protegidas de sol e chuva, dentro das quais os operários estariam «olhando» as máquinas apenas oito horas.

Segundo a parábola, os trabalhadores que «enfrentaram os rigores da canícula» só deram por isso quando «o pai de família» conferiu a mesma paga aos «admitidos à undécima hora».

Olhemos para o trabalho como um imperativo universal; vejâmo-lo na pedra amorfa, onde turbilhões de partículas trabalham; ponderêmo-lo na ínfima semente, onde extraordinária reserva de força está pronta a entrar em ação; sintâmo-lo em tôdas as criaturas de nosso reino e, considerando os espaços siderais, além do alcance dos mais poderosos telescópios, deleguemos à nossa fantasia a tarefa impossível de conceber, no tempo e no espaço, a «astrônômica» energia que nêles se desenvolve.

Depois, cientes da parte que nos coube na harmoniosa melodia das coisas criadas, executêmo-la consciente e «deliciosamente», ou seremos compelidos pela Natureza a, «penosamente», aceitar a evangélica sentença:... aquêles que não trabalha, não coma».



Pelo que diz respeito ao trabalho em particular, o homem, no «estado» mesmo «de inconsciência», não era destinado a viver na ociosidade, mas, ao que a vontade teria abraçado livremente como exercício agradável, a necessidade lhe acrescentou, depois do pecado, o sentimento da dor e o impôs como uma expiação.

“RERUM NOVARUM” Leão XIII

PROMOVIDO A CABO POR ATO DE BRAVURA

○ soldado VITALINO REIS é um desses milhares de policiais da Força Pública que, dia e noite, na Capital e no interior do Estado, expõem a vida incôgnitamente, na salvaguarda da propriedade e da segurança dos lares dos nossos coestaduanos.

Com menos de um ano de praça, já tem invejável fôlha de serviços prestados.

Em janeiro, quando de plantão na Zona Norte, foi atender a um chamado na Rua Salvador Romeiro, em Santana, onde, em um quintal, deveria achar-se escondido meliante perigoso.

Vitalino vasculhou o terreno e não tardou a encontrar o delinquente, o qual, armado de faca, investiu contra o representante da lei. O pracinha não se intimidou. Atracou-se com o ladrão, rolou por terra e desarmou-o. Na queda teve a mão direita fraturada no segundo metacarpiano. Baixou ao Hospital e engessou a destra e o ante-braço correspondente. Recusou licença para tratamento de saúde, pois desejava voltar ao serviço.

A 23 de fevereiro, pouco mais de um mês após a perigosa prisão, ainda com o membro engessado, regressava Vitalino para o seu modes-

to lar em São Miguel Paulista. Saiu de serviço à 1 hora da madrugada. Conseguiu uma «carona» até o distante bairro da Penha e lá, às 2,10 horas, com outro colega, aguardava, numa fila, o ônibus que o iria conduzir para o aconchego do lar, para o descanso merecido, após penosa jornada de trabalho. A antemanhã fria e calma alongava os minutos de espera da condução. Eis senão quando chega um cidadão aflito gritando: «seu» praça, está pegando fogo numa casa lá da avenida Amador Bueno. Vitalino divisou, a algumas quadras de distância, densa coluna de fumaça subindo para o céu. Manda o colega telefonar para o Corpo de Bombeiros enquanto, com o portador da noticia, motorista Armando Garcia, dirige-se, correndo, para o local do incêndio.

São os depósitos de grande firma atacadista de cereais que se encontravam presas das chamas. Não conseguindo entrar pelas portas da frente, da Av. Amador Bueno da Veiga, Vitalino contornou o quarteirão e, pelos fundos, força as portas que dão para a Rua Caixa D'água onde se acha a garagem da casa comercial. Dez caminhões estão sendo envolvidos pelas chamas. O policial, mesmo com o antebraço di-

JOVEM!

Você que pretende ser oficial da Fôrça Pública, inicie desde já os seus estudos. Matricule-se no

CURSO MILITIA

patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão ao Curso Pré-Militar apresentou maior índice de aprovação.

Número de vagas limitado a 25 em cada classe, para melhor aproveitamento dos alunos.

Informações: telefone 32-2884

reito engessado, empunha, seguidamente, dois pequenos extintores encontrados no local, mas não consegue dominar as chamas que, encontrando material de fácil combustão, óleos, estôpa, pneumáticos etc., se avolumam a cada instante. Dão-se as primeiras explosões. O soldado e o motorista procuram retirar os veículos já lambidos pelas línguas de fogo. Um caminhão é levado para a rua. Quando Vitalino volta, já chamuscado pelo fogo, para continuar sua faina de salvar as viaturas, ouve, por entre o crepitar das chamas, gemidos vindos do depósito de cereais. A esta altura ninguém mais se atreve a entrar no estabelecimento, inclusive a guarnição de um carro de rádio patrulha, tal era o calor reinante no interior do prédio. O nosso herói atravessa as labaredas que separam a garage do depósito e vai encontrar, sôbre uma pilha de sacos crestados pelo ardor da fogueira, o velho guarda do edifício, semiconsciente, abandonado à própria sorte.

Vitalino procura reanimar o vigia Francisco Antônio Martins.

Na garage explodem com estrépito alguns tambores de combustível. O telhado vem, fragorosamente, abaixo.

Lá fora, observando à distância, avolumam-se os espectadores. Entre eles corre a notícia de que um soldado morrera sob os escombros flamantes.

O Corpo de Bombeiros chega. Inicia-se o combate ao terrível elemento. Abrem-se corredores, a jato d'água, pelo prédio calcinado. Por um deles agiganta-se a figura do audacioso e abnegado policial.

Fardamento em frangalhos, reunindo as últimas energias, transporta, sob o braço esquerdo, aquela vida que, com extrema bravura, arrancara das garras da morte.

Vitalino sofreu queimaduras de 1.º e 2.º grau e, pelo seu gesto de incomparável intrepidez, além da admiração dos seus colegas, superiores e de todos que tiveram conhecimento do fato, conquistou a ascensão do primeiro degrau da escala hierárquica da sua Corporação, representada pelas respeitáveis divisas de cabo.

ORAÇÃO A U'A MÃE ESQUECIDA

Cap. Plínio D. Monteiro

— ILUSTRAÇÃO DO AUTOR —

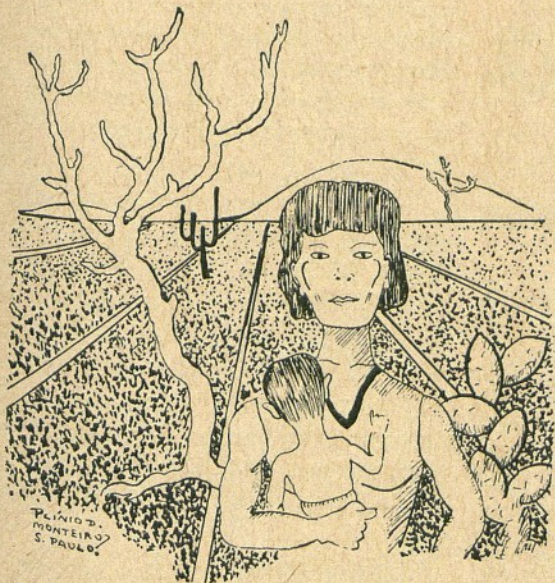
Imploram os homens as lágrimas das nuvens para transformar em riso o pranto da terra. Em vão! Só os braços ressequidos das árvores, o xique-xique e a macambira aparecem como vegetação, para patentear que nem todo o reino vegetal se deixou torrar pelo fogo do céu, para demonstrar que são tão rijos, tão teimosos quanto os homens que entre eles se movem. Só fome, só miséria, só sede! E onde nem todos se transformam em cangaceiros (premidos pela necessidade), por não haver o que roubar.

Quem por aí passou jamais esquecerá a heroína que és, mãe do chamado "Polígono da seca". Quando te nasce o primogênito tens, a mais das vezes, 14 ou 15 anos, mas mesmo assim criança, sabes lutar pela sobrevivência de teu filho, repartindo com ele o parco punhado de farinha e o mirrado naco de carne seca, e sofrendo com ele e por ele, na liça desigual, na competição desvantajosa, entre tu e a terra que se obstina em não produzir, contra o rio que se nega a ser rio, contra o sol que teima em tudo queimar...

Teu combate é anônimo, e repetido ao infinito de geração em geração. Tens, também, um coração de mãe, de mãe que de tanto enfrentar a morte, já não te importas com o

espetáculo, quase constante, da ceifadura de homens e animais.

Aqui vai, mãe nordestina do sertão, neste dia das mães, a mais sincera das orações deste filho do Sul, que nada pode fazer por ti senão pedir a Deus que, lá do centro do Universo, se lembre desse pedaço imenso de Brasil, já que os homens dêle se descuidam, e quando se recordam é para te acreditar, apenas, u'a mãe de cangaceiros.



Pediu-nos um leitor a seguinte explicação: como seleciona a Fôrça Pública os seus homens?

É fácil explicar. Poderíamos responder simplesmente: seleciona física e psiquicamente. Entretanto, convém aqui melhores esclarecimentos.

No «Diário de São Paulo» do dia 8 de junho de 1954, encontramos: «Exames Psicotécnicos para novos Policiais — Em declaração à imprensa, o professor Mira Y Lopes, uma

Seleção

Ten. Sérgio V. Monteiro

das mais acatadas personagens da psicanálise, disse achar o exame psicotécnico de vital importância para a admissão de novos policiais, pois só assim se poderá evitar o acesso de elementos psicologicamente inabilitados nos quadros da polícia.

Afirmou que por tal prova já vêm passando todos os oficiais da Polícia Militar que são a êle submetidos no I.S.C.P., o mesmo se dando com os soldados da Fôrça Pública de São Paulo».

Como percebe o amigo leitor, o próprio dr. Mira faz uma referência ao nosso trabalho.

Em 1949 nos utilizamos pela primeira vez de um teste de inteligência. O «Army test (forma beta)» evitando o ingresso de oligóides (débeis mentais ou infra-inteligentes) trouxe incríveis benefícios à Corporação. Mas, acontece que um indivíduo pode ter inteligência superior e ser deficiente na personalidade.

Voltados para êsses estudos, vários oficiais se especializaram no Ministério da Educação, no Instituto de Seleção do dr. Mira e até na Sorbonne, em Paris.

Hoje contamos com um Serviço de Alistamento, Seleção e Orientação. Funciona desde janeiro de 1952 com ótimos resultados. Já foram examinados para ingresso na Corporação e acesso aos diversos cursos, cerca de 10.000. O Departamento está em contacto com os mais adiantados centros de Psicologia aplicada.

Para objetivar o que se passa em nosso Departamento de Seleção, vamos relatar agora um dos casos lá ocorridos.

Candidato X

— Inteligência médio-superior. Cultura média, Provas desportivas — apto. Exames Médicos — apto: Prova de Personalidade — REPROVADO.

Submetido ao P.M.K., teste de personalidade do dr. Mira, revelou prontamente traços patológicos na personalidade. Da sua entrevista, após o teste, extraímos o seguinte:

- Deixe eu entrar na Fôrça. Eu quero ser soldado.
- Por que?

— Porque lá no Franco êles me tratavam mal.

— Que Franco?

— Franco da Rocha, «seu» tenente.

— E daí, você fugiu?

— Fugi, Ah! Ah! Lá só tinha louco. E' o tal de Juqueri, sabe?

Foi fácil verificar que se tratava de um louco fugido do Juqueri, e recambiá-lo.

O interessante de se notar é que êle tinha tudo em ordem, até documentos.

Sabe lá quantos loucos não andam por ai?!

O teste dêsse candidato se acha em nosso serviço à disposição de quem quiser vê-lo.

A Fôrça Pública, evitando o ingresso de anormais, presta um relevante serviço.

Avalie se tivéssemos, aqui, mais alguns soldados do tipo do soldado Modesto, que há muitos anos passados assassinou a tiros de fuzil, várias pessoas no Jardim da Luz!

Meditemos na responsabilidade da Corporação ao armar um homem.

Mas, perguntará alguém, os testes são infalíveis?

Não. Em psicologia, especialmente na soldagem da personalidade, não há infalibilidade.

E, para exemplificar, lá vai mais um caso:

Candidato Y

Apto em tôdas as provas e encaminhado à Escola de Recrutas.

Dois meses após, se manifestaram seus sintomas de anormalidade psíquica.

Novo teste. Dessa vez revelou logo seus traços anormais. De sua entrevista, extraímos o seguinte:

— Que você sente?

— Nada, «seu» tenente. Não adianta perguntar muita coisa. Na penitenciária os médicos também me perguntaram.

— Você esteve lá?

— Eu matei um homem.

— Por que?

— Não sei. E não me aborreça mais.

Tratava-se de um psicopata que não podia ter armas na mão. O Comando Geral recebera uma carta de sua mãe relatando que por várias vezes êle atentara contra a vida de outros. Pedia ainda, pelo amor de Deus, que o internassem.

Por falhas que não são nossas, e não nos interessa explorar, êsse individuo chegou à Fôrça Pública com um atestado de bons antecedentes.

São êsses, amigo leitor, alguns motivos por que a Fôrça Pública tem tantos claros. Preferimos qualidade. E a massa dos que nos procuram é muito inferior.

Poderíamos amanhã encher a rua de facínoras fardados, mas por Deus isso não faremos. Não queremos ter uma policia para vigiar outra policia.

O policial-militar precisa ser fisico e mentalmente equilibrado, para poder estar a seu serviço.

Não entraremos em detalhes quanto à descrição dos testes, por se tratar de assunto técnico que iria entediá-lo. Entretanto, podemos afirmar que eles em nada diferem dos empregados pelo eminente dr. Mira Y Lopes, no Distrito Federal.

A eficiência de uma polícia militar não reside somente em seu aparato bélico ou em seu material,

mas na cultura, na educação e na eficiência técnica de seus homens, e isso só se obtém com indivíduos selecionados.

Assim, seja nosso exemplo imitado!

Mais uma vez a Fôrça Pública é pioneira, no Brasil, e desta vez, na psicotécnica militar.

★ ★ ★

MEIO FIO BONDE

Como é de conhecimento geral, o bonde tem local estabelecido para estacionar, momentaneamente, a fim de receber ou descer passageiros, tendo, para isso, a sinalização própria e bem visível.

Estando o bonde parado no ponto regulamentar, o condutor de veículos não deve ultrapassá-lo pela direita, para não incorrer na grave transgressão de "meio fio bonde", evitando, assim, a desagradável oportunidade de cometer acidente de tráfego.

O não respeito a esse preceito de trânsito traz grandes embaraços aos que estão tomando o bonde ou dêle descendo, às vêzes a ponto de o condutor ofender a integridade física de terceiros, devido sua imprudência.

Salienta-se que o artigo 129, item 11, letra "d", do Código Nacional de Trânsito, prevê a suspensão de um a doze meses, se o condutor, dentro de um período de doze meses, cometer três infrações dessa espécie.

O condutor de veículos que incorre na falta de "meio fio bonde", demonstra claramente que não considera o próximo, dando prova de pouco respeito ao direito daqueles que estão se servindo do bonde como seu transporte.

« SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DA D. S. T. »

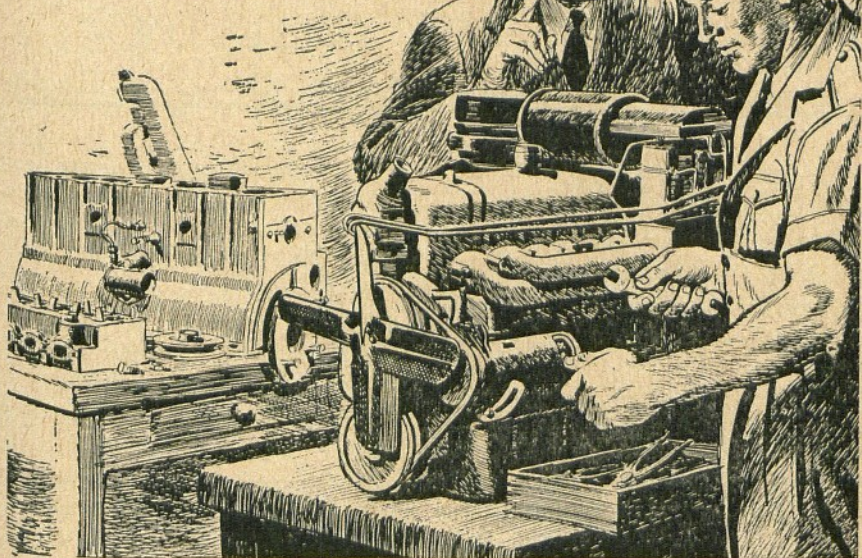
Aperfeiçoando

mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas forças armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e este é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO



Emprego de CÃES PASTORES



Como em todos os setores da vida sômente vencem os mais devotados à causa apegada, também no adestramento de cães sômente obtêm sucesso aqueles que, como condição indispensável e primeira, demonstrarem dedicação e amor ao animal a ser ensinado. Todos os sacrifícios feitos pelo animal, sob boa orientação, imediatamente se reverterão em benefícios, devendo para isso o adestrador, desde o início, manifestar-se paciente, tranqüilo, resistente e com muita energia.

o adestramento, com palavras afetuosas, respeitando os seus defeitos e procurando corrigi-los com paciência.

“O segredo de toda a educação e adestramento está em se saber aplicar as qualidades já existentes no animal”. Um cão de temperamento dócil não poderá ser tratado com a rudeza dispensada a um de temperamento violento e duro. De modo enérgico e firme o adestrador, conhecendo o seu cão, poderá obter melhor êxito.

ADESTRAMENTO

— I S S O R —

O cão retrata o seu adestrador em todas as minúcias, e sendo assim, quem se propuzer a adestrar um cão deverá tomar todas as precauções necessárias para que, mesmo involuntariamente, não transmita ao animal defeitos pessoais indesejáveis.

Deve o cão obedecer ao seu dono sempre por amor e espontaneamente, jamais por medo, e visando isso, o adestrador consciente da sua missão tratará o animal com carinho durante todo

Os trabalhos nunca devem ser exaustivos e demorados, objetivando que o animal não se canse ou aborreça e não produza o mínimo exigido.

A aquisição da confiança do animal por seu adestrador será bastante facilitada se forem observadas algumas pequenas regras de ordem afetiva:

— O próprio adestrador deverá dar a razão;

— Sair o adestrador a passear com seu cão e não deixar que ninguém o acaricie;

— Recompensar o animal imediatamente após a execução de uma ordem dada;

— Punir no momento exato em que ele praticar a falta (punição proporcional à gravidade da falta cometida), e

— Recompensar sempre e punir o estritamente necessário, devendo, entretanto, toda desobediência e revolta ser punida.

NUNCA ESPANCAR O CÃO, pois ele ficará timorato e o seu adestramento comprometido, além de estar o adestrador cometendo um grave erro, ao sobrepular o valor do cão (em matéria de força o cão sempre deve vencer).

Deve-se terminar a aula para o animal sempre com um movimento ou exercício conhecido, pois de maneira contrária o cão poderá criar reflexos errados e complexo de inferioridade. Somente se deve passar à lição seguinte quando o cão tiver pleno conhecimento do que já foi ensinado anteriormente.

O adestramento não dá bons resultados se começado por uma pessoa e continuado por outra, a não ser que as pessoas sejam bastante semelhantes em matéria de costumes, caráter e maneira de transmitir os conhecimentos, o que é muito difícil.

O adestrador deverá ser sempre brando e afável com seus cães. Quando o cão se afastar de seu adestrador e, ao ser chamado, não atender incontinenti, e além do mais se afastar de seu adestrador, este jamais deverá ir atrás do cão, e sim insistir em chamá-lo até que ele venha se colocar junto ao adestrador. Quando isto acontecer, é preferível acariciá-lo por ter voltado, do que castigá-lo por ter fugido.

É contraproducente brincar com o cão que se está ensinando. Quando ele executar um bom movimento, isto é, satisfizer às exigências, o adestrador o acariciará empregando palavras de aplauso: muito bem, bravo, bonito, como também poderá dispensar gulodices e passeios em liberdade.

Quando o cão souber fazer um determinado exercício e não quiser executar-lo, é importante obrigá-lo a executar e não deixar prevalecer a sua vontade. Após a execução, dando-se liberdade ao animal, talvez dali a alguns instantes, sentindo-se em liberdade, com alegria e vontade execute em melhores condições o movimento desejado.

MATERIAL EMPREGADO NO ADESTRAMENTO DE CÃES

— Colar de espinho com tirante de dois metros de comprimento, para o adestramento junto ao homem;

— Colar de enforcamento de couro com tirante de dois metros de comprimento, para adestramento junto ao homem (Cães de caráter brando);

— Tirante de couro ou lona, com mais ou menos vinte e cinco metros, para o adestramento à distância;

— Mangas acolchoadas, protetoras do braço, utilizadas no decorrer do ensinamento de ataque e defesa;

— Obstáculos de madeira, para saltos em altura e profundidade, e dos exercícios de acôrdio com suas exigências e a critério do adestrador.

CÓDIGO EMPREGADO

O que se tem em vista na adoção de um código, é a brevidade e a fonética das palavras, evitando assim que o cão as confunda, porém as compreenda

fácilmente. O significado das palavras para quem as ouve, nenhum interesse nos traz. O importante é que, quando dissermos uma determinada palavra, o cão execute um movimento correspondente à nossa vontade já previamente estabelecida. Outro interesse que nos traz o uso de um código é a parte especializada, isto é, um código completamente nosso traz o benefício da não interferência, por quem quer que seja, quando estivermos trabalhando o cão,

IDADE PARA O INÍCIO DO TREINAMENTO

A idade mais indicada para o início do treinamento é a de um ano, pois, como é sabido, há uma correspondência da idade do cão com a do ser humano, e essa correspondência é de um para sete (um cão de um ano corresponde, na idade, a uma criança de sete anos).

Alguns técnicos acham interessante ter início o adestramento aos seis meses de idade; contudo, a experiência baseada na prática nos mostra que nessa idade os cães somente querem brincar, comer e dormir, e se o forçarmos a trabalhar sob obediência perderemos muito tempo, pois não tem ainda capacidade desenvolvida para apreender, assim como não levará a sério o que lhe está sendo ensinado.

Dos oito meses a um ano os cães poderão ser levados para o campo de treinamento a fim de se irem acostumando com as reações dos cães já adultos e adestrados. Isso facilitará muito, pois, quando chegar a sua vez de entrar para o treinamento, estarão em melhores condições para aprender em menor tempo e com mais eficiência. Quando o adestrador sair com cães ainda novos para o adestramento, convém observar as reações deles diante de todas as coi-

sas encontradas, descobrindo assim as suas tendências, o que lhe tornará mais fácil poder exigir do animal, com mais eficiência, os trabalhos para os quais eles mais se adaptarem.

Não se deve começar o adestramento de um cão já idoso, porque as condições de aprendizagem estão seriamente comprometidas, além de se ter de corrigir os defeitos que lhe foram produzidos por outras pessoas, na maioria das vezes não indicadas para o seu temperamento.

APLICAÇÃO DOS CASTIGOS

Não se deve maltratar os cães que estão sendo adestrados. Jamais os espancar; contudo, punir todas as vezes que se desejar mostrar ao animal um erro cometido. Note bem: *mostrar ao animal um erro cometido*.

Podemos castigar um cão de muitas maneiras, dependendo do seu temperamento e capacidade de aprender aquilo que se lhe está sendo dado a saber. Assim sendo, vamos notar que para muitos cães uma simples reprimenda com entonação de voz forte bastará para que ele compreenda seu erro e execute o movimento certo. O castigo não tem por finalidade judiar do animal, mas sim, ensiná-lo a obedecer as vontades de seu adestrador.

O adestrador, todas as vezes que for punir o seu cão, deverá sentir como se estivesse castigando o seu melhor amigo e, por isso, por maior que seja a falta cometida deverá agir com consideração. Prender o cão numa corrente e não lhe dispensar por algum tempo nenhum carinho, é um bom castigo. Deixá-lo na posição deitada, tem também a sua eficiência. O importante é incutir no cão que ele está sendo castigado por ter cometido uma ação má, ou

por ter deixado de cumprir uma ordem de seu dono. Uma tapa na garupa será permitida desde que se use força moderada e não machuque o cão. Nunca bater em outra parte, e jamais bater com outra coisa senão a mão. Uma sacudida na coleira do alto para baixo é um dos mais eficientes castigos. Não puxar de baixo para cima pois poderá acarretar uma laringite traumática.

É preferível perdoar o cão, não lhe dispensando carinhos, do que castigar em excesso por uma coisa de somenos importância. Tratar bem, sempre, e punir o estritamente necessário.

O AMOR E CARINHO DEVEM SER AS ARMAS DO ADESTRADOR CONTRA O CÃO.

FASES DO ADESTRAMENTO

Para facilidade de ordem técnica, dividimos o adestramento do cão para efeito de ensinamento, objetivado o emprego policial, em três fases:

1.ª Fase:- Plena obediência do cão junto ao seu adestrador (trabalho individual). Exercícios destinados a ensinar o cão a ficar junto do seu dono, sentar, deitar, rastejar, ficar em pé, ficar quieto

no movimento executado, saltar valas, subir e descer escadas, andar para trás tornar-se morto, etc. Em todos estes exercícios o cão fica preso ao tirante, jamais trabalha em liberdade.

2.ª Fase:- Obediência à distância (trabalho individual e coletivo). Todos os trabalhos da primeira fase são executados o cão trabalhando à distância do adestrador. O animal fica em liberdade.

3.ª Fase:- Fase da aplicação real do cão junto ao policial, dando-lhe segurança e proteção. O cão, para receber o ensinamento nesta fase, deve estar satisfatoriamente adestrado nas duas anteriores, pois de modo contrário o sucesso será problemático e duvidoso

Os trabalhos mais importantes realizados pelo cão no setor policial são:

- Fazer prisioneira uma pessoa;
- Guardar uma pessoa ou um objeto;
- Fazer uma busca (Pista);
- Conduzir presa uma pessoa;
- Atacar ou defender uma pessoa, e
- Porte de armas.



Fotogravura

MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.

R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAUL

UMA VOLANTE EM MARCHA...

(III)

Major Edson Franklin de Queiroz

Polícia Militar - Bahia

NOTÍCIAS DA CAMPANHA CONTRA LAMPIÃO NO NORDESTE BAIANO

A sêde era uma terrível inimiga das volantes.

As operações contra o banditismo lampiônico se realizavam justamente na sub-área de caatinga do nordeste, que já mereceu admirável descrição do Prof. Josué de Castro em seu livro «Geografia da Fome», reafirmando, aliás, os conceitos existentes em «Os Sertões» do inolvidável Euclides da Cunha. Ali mesmo: naquela região ressequida e semiárida, onde está enquistado o vilarejo de Canudos, que fôra o «quartel-general» de Antônio Conselheiro; naquela região, onde a vida só não parece difícil para o jumento, o caprino e o cágado! Outros animais ali criados dificilmente resistem à sêca quase perene, tanto que é costumeiro o dito: «Só a teimosia do nordestino, e a necessidade, leva-o a criar boi na caatinga!». Quanto brasileiro não achará inverídico que, no nordeste baiano, durante certo período do ano, o boi fica dias, semanas ou meses, suspenso por varais, para que não se deite e, assim, não encontre a morte certa! Nessa situação, aguarda-se a chuva! Se esta não tar-

da, o boi ainda vive e se refaz, nunca deixando, porém, de ser um animal magro e anguloso!

Naquelas plagas do sertão baiano, existem poucas faixas de terreno onde é possível o plantio e até uma boa colheita de feijão ou milho. Verdadeiros oasis! Mesmo assim muito vale a chuva. O nordestino nunca deixa de fazer preces aos céus, pedindo água, pois se a chuva falta no momento exigido pela plantação, oh! quanta roça perdida! quanto feijão queimado pela soalheira implacável! quanto milho que murchou em espigas! Nada feito. Só para o ano, se Deus quiser!

Em tôda a paisagem encontramos pedras e xique-xique, mandacaru, corôa de frade, juazeiro, croatás, umbuzeiros, juremeira e outros vegetais próprios da caatinga, daqueles que assim são descritos pelo Prof. Josué de Castro: «que se arbutizam em posturas nanicas para sobreviver» e como dizemos nós: ou se levantam nus, de braços erguidos como em apêlo constante ao Senhor, ou cheios de espinhos, agressivos, como revoltados com a sua própria existência!

Seus rios, nas épocas de estiagem, anuais, ficam reduzidos a estensos e meandrosos leitos de areia. Daí o encontrarmos localidades denominadas «Riachos Secos». Também, a evaporação seca os tanques ou aguadas, de modo que quase sempre, populações inteiras têm o «precioso líquido» mandado de léguas e léguas de distância. Felizmente, o Serviço de Obras Contra as Sêcas vem construindo grandes açudes na região, que vão minorando os sofrimentos daquela gente abnegada e forte.

Mas na ocasião em que o famigerado bandoleiro por ali operava, não existiam aquêles melhoramentos e, como já disse anteriormente, as vias de comunicação eram as piores possíveis. Fácil é, portanto, avallar-se o quanto padeceram as nossas volantes, com aquêles pesados equipamentos, atravessando veredas e desérticos trechos da região, sob a canícula abrasadora, com o ar normalmente quente e sêco, durante horas e horas a fio.

A sede não demorava chegar ao seio da volante em marcha. As reservas de água, nos cantis ou borrachas, logo se esgotavam. Então, os homens procuravam mitigar a sede mastigando pedaços de borracha ou de rapadura, e até fôlhas verdes! Mas a intensidade da marcha e o conseqüente calor levavam-nos a um ponto que nada mais daquilo satisfazia, pois as glândulas salivares estavam também sêcas! Mais adiante o ponto crítico da situação. Vinham as perguntas: Onde o bebedouro? Onde o riacho? Onde a fazenda mais próxima? Onde encontrar água? — Pura ou suja, qualquer água servia!

Estava a volante, muitas vezes, no coração da caatinga desértica. — E os bandidos não estariam ali por perto? Hora terrível!... Que fazer? A ordem era prosseguir. — Quem fôr fraco que vá ficando! Os mais fortes teriam de alcançar a fonte e voltariam para levantar os sedentos caídos.

Ao objetivo! Marcham os estropiados e apetrechados combatentes, naturalmente aterrorizados pelo espectro da sede, não esquecidos também da possibilidade de serem surpreendidos pelos bárbaros bandoleiros.

Cai o primeiro soldado, o segundo, o terceiro, outros mais... restam alguns!

Quadros dolorosos são assistidos nestas horas. Uma vítima quer enganar-se, alucinado; precisa ficar amarrado! Outro, cava o solo com as próprias mãos, como um cão que busca terra fresca para amenizar-lhe o calor! Ficam sós, à beira do caminho, e, mais das vezes, sob a sombra amiga do umbuzeiro. E a tropa prossegue no seu itinerário. Aquêles vão ficando, Deus sabe como: se a sede não lhes conturbou a consciência, decerto que não esqueciam da possibilidade de se verem aprisionados pelos cangaceiros, que fatalmente haveriam de martirizá-los até a morte, com os mais cruéis requintes de perversidade. Indefesos, vencidos, assassinados como carneiros! Que tortura para o espírito daqueles estóicos soldados nortinos!

Eis, porém, que a coluna alcança uma aguada. Pura ou suja, para animais ou para gente, era água, e não podia ser desprezada. Suspiros de alegria! Graças a Deus! Beatinos encontravam o oásis!...

Voltam os fortes pela estrada percorrida e vão levantar um por

um dos sedentes! Coragem e solidariedade! Pouco lhes importava uma surpresa do inimigo: deviam levantar os companheiros!

Depois de todos reunidos, ei-los, de novo, na caminhada pelos «sertões de areia sêca rangendo debaixo dos pés»...

(continua)

MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA!

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dele.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

SOLIDARIEDADE PROFISSIONAL

Certo comandante, observando um recruta que fazia fôrça para encerrar o alojamento, mas desajeitadamente, indagou-lhe:

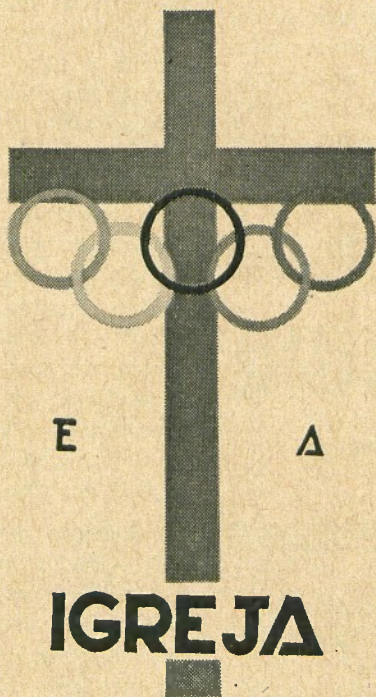
- Há quanto tempo você está na Fôrça, rapaz?
- Dois meses — explicou o recruta. E o senhor?

Embora um tanto desconcertado, mas bem humorado, respondeu o comandante: 35 anos.

— E horrível, o senhor não acha? disse o jovem com ar solidário.

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ

A EDUCAÇÃO FÍSICA



- * HISTÓRIA E CIÊNCIA
- * PROFUSAMENTE ILUSTRADO
- * Preço: Cr\$ 45,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à Gerência de
«MILITIA» — Rua Alfredo Maia, 106 — S. Paulo.

Policarpo, jovem de vinte e dois anos, filho do sacristão de Panacéia, antes de ser incorporado às Fôrças Expedicionárias andava de cabeça-inchada pela Mariazinha, primogênita do hoteleiro Terêncio.

Ela, moça bonita, educada e bem instruída, fôra sempre favorita da madre-superiora e das irmãs do colégio onde estudara, graças aos princípios teológicos que professava. Malgrado êsses cabedais, era prêsa de um complexo que lhe esmagava o espírito. Adquirira, desde

O Cacoete

Olimpio O. Pimentel

— MAJOR —

criança, um sestro esquisito do qual jamais se libertara: enfiava o indicador da mão esquerda no ouvido direito, tirava-o rapidamente, e com êle açoitava a aurícula esquerda. Nenhum pretendente à sua mão apareceu antes de conhecer o Policarpo, não obstante os esforços dirigidos nesse sentido. Atribuía ela, semelhante infortúnio, ao tique nervoso e, daí, o recalque. Nesta altura a coisa ia bem. Caíra do céu o suspirado príncipe, e por isso tratavam-no a pão-de-ló os familiares do Terêncio, especialmente a espôsa deste, d. Xandóca, que anciava por ver a filha casada.

Bem podia o casamento realizar-se logo, se não tivesse sido o noivo recrutado para servir no Terceiro Corpo de Exército que em breve iria empenhar-se no conflito europeu. O único meio, porém, era aguardar com paciência! No dia da despedida foi um deus-nos-acuda. Os noivos, com os olhos marejados, trocaram juras de amor e outros que tais, quando o filho de Bentinho sacristão (assim chamavam o pai do jovem conscrito), dando caráter ainda mais patético, e expressão comovedora, tirou do bolsinho do colete lindo torçal de ouro e platina, do qual pendia minúscula medalha com a effigie da padroeira da vila — inestimável reliquia invocativa de sua tretavó — colocou-o no colo da jovem e, com voz sussurrante, proferiu esta sentença: «Receba-o, é o sêlo do nosso amor; a Pátria está em perigo e conclama todos os filhos para defendê-la; adeus, rogue por mim»:

Sômente depois de três meses pôde o Policarpo dar notícias. Descreveu as peripécias da viagem, disse das suas saudades e das emoções horrendas da guerra. A princípio escrevia com regularidade; depois, espaçando em razão dos freqüentes deslocamentos de tropa e dos combates que travava aos gritos (parodiando o Roberto de «Os Dois Sargentos») «Por Deus e por ela»; ela, não era outra senão a sua querida Mariazinha. Das muitas batalhas travadas saíra êle milagrosamente ileso, sem um arranhão sequer. Logo tomou fama de bravo, revelou-se chefe intemorato e, pelas vitórias sucessivas, foi promovido a cabo de esquadra, sargento, e depois aos postos subseqüentes até capitão.

Recebeu várias condecorações e referências honrosas. Trazia o lado esquerdo da túnica tomado de medalhas e o direito cumulado de honrarias. Após dois anos de luta veio a jubilosa comunicação de armistício e, em seguida, a do término da guerra. Panacéia inteirinha vibrou de entusiasmo e preparou-se para receber o filho dileto que regressaria em breve, sob o pálio da Pátria, abençoado e coberto de glórias. Mariazinha, com insopitável contentamento, preparou-se para esperá-lo. Acelerou os preparativos do próximo casamento completando o enxoval com encomendas luxuosas vindas da capital. Tudo corria bem quando a moça teve um mau presentimento: «Perderei o excelente partido em virtude do antigo cacoeite; urge providenciar; vou consultar o especialista». As oito horas do dia seguinte, prontos os corcéis, demandaram Sapiranguí, florescente cidade distante trinta quilômetros de Panacéia; d. Xandóca, cavalgando o alazão, e Mariazinha, o baio. Aí consultaram o notável neurologista professor Yukiyasu Tamura, que depois de submeter a paciente a vários testes, prescreveu-lhe sedativos e o emprêgo de luvas até o completo desaparecimento do tique. Regressaram as amazonas pressurosas e confiantes no método aconselhado, que efetivamente foi eficaz. Ao cabo de oito dias, esqueceu ela o feio hábito e livrou-se do complexo que a supliciava. No dia da chegada do capitão Policarpo houve grandes festejos em sua honra. O comércio cerrou as portas; desfilaram os alunos da Escola Mista, os escoteiros e o povo, precedidos pela Filarmônica Santa Cecília, a qual executou

marchas patrióticas. Soltaram-se ba-lões, espocaram-se girândulas e aclamou-se o herói. Ao anoitecer, no adro da igreja, realizou-se magnífico espetáculo pirotécnico, ao qual estiveram presentes, além da massa popular, as pessoas gradas da vila: o padre-cura, o subprefeito, o juiz de paz, o subdelegado, o diretor da Escola Mista e o cabo Serapião, comandante do destacamento. Diversos oradores saudaram o recém-chegado. Padre Caetano, após dar-lhe as boas-vindas, augurou-lhe futuro risonho, constituição de um lar feliz e prole numerosa (neste momento Mariazinha, que estava ao lado de d. Xandóca, ruborizou-se; de repente fugiu-lhe o sangue e quase teve uma síncope); congratulou-se com o Bentinho, o Sacristão, seu dedicado auxiliar, pelo ditoso regresso do filho; o mestre-escola e o subdelegado brindaram com rápidas palavras o intrépido capitão; para encerramento das ruidosas manifestações, fêz uso da palavra o governador da vila, subprefeito Tomásinho Espigueta, proferindo enfaticamente: «Seu capitão Policarpo; quem hou-vera de pensar que o filho desta fosforescente Panacéia, o filho do Bentinho Sacristão, seria um dia o mais graúdo flibusteiro desta vila intransitável? Receba, pois, meu mariola, as chaves deste rincão, abra e entre quando lhe apetecer. Esta colmeia que se comprime para homenageá-lo, confia e espera que a sua espada gloriosa nunca será desempainhada senão para arrebentar o costado dos nossos adversários. Tenho dito».

No dia seguinte realizou-se no hotel do Terêncio opíparo jantar em honra do capitão Policarpo. No sa-

lão de espera aguardavam-se altas autoridades e convivas que o aclamaram à entrada. Mariazinha foi ao seu encontro e tomou-lhe o quepe, as luvas e a espada de copo dourado. A mesa em forma de hífen, sentaram-se, lajeando o homenageado: à direita, o padre Caetano, o subprefeito Espigueta e o subdelegado; à esquerda, Bentinho, o Sacristão, o mestre-escola, o juiz de paz e o cabo Serapião, comandante do destacamento. Terêncio, d. Xandóca, Mariazinha e outros comensais, sentaram-se defronte ao herói. No decorrer do ágape, Policarpo fitou Mariazinha com insistência, não ocultando sua estranheza ao vê-la imóvel, parada como estátua. «Céus! parece múmia — pensou êle. Perdeu a vivacidade e a energia que a tornavam sedutora. O' Senhor, dissei-me o que sucedeu». Seguiu-se ao jantar animado baile. A meia noite,

Policarpo sentou-se ao lado de Mariazinha, junto ao peitoril da janela, e contristado indagou-lhe o motivo da metamorfose. Ela, envergonhada, entre soluços, narrou-lhe o tratamento feito com o dr. Yukiyasu Tamura, que a livrou da incômoda mania. Fêz-se silêncio. Ambos abortos!

Terminada a festa, o bravo capitão retirou-se contrafeito.

No dia seguinte Mariazinha recebeu o bilhete abaixo:

«Meu amor. Nunca tive tendência para o casamento. O dr. Yukiyasu curou-lhe o cacoete e destruiu nossa felicidade. Vou para um convento. Adeus. Esqueça e perdoe. Policarpo». Seis meses depois, o padre Caetano, acolitado por frei Policarpo, celebrava o casamento de Mariazinha com o cabo Serapião...

SÃO PAULO

SECÇÃO COMERCIAL

R. FLORÊNCIO DE ABREU, 619/25

TELEFONES: 36-6311 e 34-1234

CAIXA POSTAL, 4733

Irmãos Del Guerra
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A

DEPÓSITO EM SÃO PAULO

R. RODOLFO MIRANDA, 401 — TEL. 36-4439

SECÇÃO INDUSTRIAL

CORTUME JACAREÍ

LARGO DO MATADOURO, 159

TEL. 157 — CAIXA POSTAL, 14

JACAREÍ - E. S. PAULO - E. F. C. B.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS CAUSAS E PREVENÇÃO DA DELINQUÊNCIA INFANTIL

Dr. Isaac Mielnik

Chefe do Serviço de Higiene Mental do SESI

Não caberia nos limites desta rápida apreciação das causas e da prevenção da delinquência juvenil, incluir ainda o estudo das definições e incidência do problema.

Seja-nos permitido citar LOWREY quando diz: "A classificação do delinqüente é menos importante do que o mecanismo que fundamenta o comportamento dos indivíduos e grupos, especialmente o comportamento dos indivíduos nos grupos". Assim sendo, devemos citar inicialmente, e apenas, os 4 tipos de comportamento que deverão presidir a êste pequeno trabalho: 1 — O comportamento satisfatório sadio é socialmente aceito — neste caso não existe problema de indivíduo ou grupo social. 2 — O comportamento é socialmente aceito, mas não satisfaz ao indivíduo: teremos como resultado uma forma de moléstia mental ou desajustamento interno. 3 — O comportamento satisfaz ao indivíduo, mas não é aceitável do ponto de vista social: neste caso a conduta do indivíduo será um problema, haverá crime ou delinquência. E finalmente 4 — O comportamento não satisfaz ao indivíduo nem à sociedade, trata-se de delinquência psicótica ou neurótica.

O que entretanto nos interessa é apreciar, embora sem grande profundidade, a motivação, as causas da delinquência juvenil, e não os tipos de delinqüentes.

As causas apresentadas e estudadas pelos especialistas remontam a inúmeras. Citam-se assim: 1) a insanidade moral; 2) a herança; 3) certas medidas antropológicas, como índices cranianos, nasais, etc., 4) a medida da inteligência, como a determinação do Quociente Intelectual. Em tôdas essas causas, sempre se visava o indivíduo, buscando-se nêle mesmo a motivação de sua delinquência.

Só ultimamente é que estudiosos como Shaw, o casal Glueck, Tappan e muitos outros, começaram a dedicar seus esforços em encontrar as "causas" fora do indivíduo, no ambiente material da criança, no fundo social em que se move, vive e atua.

Encontramos, assim, em variadas tabelas elaboradas pelos psiquiatras e juristas mais modernos, as seguintes causas: 1) Lares desfeitos, na freqüência de 30 a 70%; 2) Más condições econômicas do lar, entre 50 a 80% (citados por Kanner); 3) Maior número de delinqüentes nas zonas marginais dos grandes centros urbanos; 4) Em 90 a 95% dos casos o crime havia sido cometido em companhia de outro menor (estatísticas de Shaw e Glueck); 5) Os menores que haviam conhecido o reformatório, receberam ali "Educação criminoso"; 6) O público leigo, sem ler estatísticas ou trabalhos especializados, acrescentou algumas "causas" de sua própria invenção, como revistas infantis, filmes, rádio, televisão, supervisão deficiente da Igreja, das escolas, educação moderna, e como não podia deixar de ser, a guerra.

Burt, não contente com encontrar ou procurar uma causa "única", propõe a teoria das "causas múltiplas", em que procura combinar o retardo mental, a deformidade física, e a instabilidade emocional com os lares desfeitos, as más companhias e outros componentes do meio ambiente socialmente insatisfatório.

Mas, o que parece ressaltar de todos estes trabalhos e pesquisas, é o fato de se interessarem menos com o delinqüente do que com a "delinqüência". A criança ou o menor são ignorados, são postos de lado, enquanto se discutem as causas do que fizeram e por que o fizeram.

Mas que valor têm tabelas e números quando nos confrontamos com o jovem delinqüente? Todas as causas terão valor, realmente, quando tiverem algo a dizer do indivíduo, quando incluírem o indivíduo como unidade emocional e psicológica no quadro geral da etiologia da delinqüência.

No fundo de todo o comportamento está a luta pela gratificação das necessidades. Portanto, todo o estudo da delinqüência deveria levar em consideração particular as necessidades psicológicas do tipo pessoal, do delinqüente juvenil em especial.

Cada causa enumerada anteriormente possui para cada criança ou adolescente uma significação particular.

Os Bakwin preferem citar fatores e não causas da delinqüência juvenil. Assim apresentam-nos: 1 — Fatores influentes: a) o tipo físico; b) o ambiente familiar; c) a personalidade própria do delinqüente; e d) as forças sociais. 2 — Fatores não influentes: a) a saúde pessoal; b) o estado econômico; c) a inteligência; d) as moléstias psiquiátricas e, e) as atividades recreacionais.

Como se vê, os Bakwin estão em contradição com os Glueck, que encontraram de 50 a 80% de delinquentes em lares de baixas condições econômicas.

Seja como for, não faremos grandes progressos enquanto estivermos exclusivamente interessados na "delinqüência", ignorando ou menosprezando o delinqüente.

Plant dedica especial consideração ao delinqüente da "primeira ofensa", e adverte contra o que chama a "ofensa acidental". Atualmente sabemos que a "primeira ofensa" não é um ato em si, isolado e criminoso, e sim um acontecimento dramático e cheio de significação numa "seqüência de fatos e atitudes, de emoções e vivências psicológicas de longa duração". No torvelinho que envolve a primeira ofensa, raramente se considera o verdadeiro significado que tem para o menor a situação de conflito que culminou com a realização do ato antisocial.

Digamos, agora, algo sobre a prevenção da delinqüência, sobre as possibilidades de diminuir ou evitar até certo ponto a sempre crescente e assustadora atividade antisocial do menor.

Para conseguir algum resultado deveríamos abordar sucessivamente: 1) — O próprio individuo, sua personalidade, atitudes e emoções, complexos e conflitos particulares, etc.; 2 — O fundo familiar, a influência dos pais, de sua infância, da situação sócio-econômica do lar, religião, hábitos, costumes, tradições e preconceitos sociais, noções de ética e de moral; 3 — O ambiente escolar, com os professores, os companheiros de escola, a localização, o efeito moral dos ensinamentos, e o aproveitamento escolar da criança; e 4 — as atividades recreacionais comunitárias, como por exemplo, centros sociais da comunidade, clubes esportivos, centros sociais paroquiais, lares adotivos, reformatórios, etc..

A esse apanhado geral das medidas preventivas, acrescenta Kanner, o preparo especial e cuidadoso para o cargo de juizes para delinquentes juvenis, dos promotores e do pessoal dos reformatórios, aqueles que serão encarregados de julgar, condenar, acusar e tentar reabilitar o delinqüente jovem.

Não basta existirem as instituições, nem estarem modeladamente instaladas. É preciso, sobretudo, que dentro delas funcionem técnicos profundamente responsabilizados, conscientes de suas funções, e principalmente imbuídos da tendência, não à correção, e sim à educação dos delinquentes.

Só então estaremos em condições de poder tentar diminuir a delinqüência juvenil que ameaça a sociedade organizada, na suprema e hostil manifestação do jovem revoltado com as discrepâncias emotivas e sociais do homem moderno.

UMA ESCOLA INSTRUTIVA A SERVIÇO DA COLETIVIDADE

IRNAK CARDOSO MALTA — PROF. DO 5.º B. C.

A cidade de Aparecida do Norte, entre Roseira e Guaratinguetá, neste Estado, com sua majestosa Basílica sôbre uma colina, recebe, diariamente, milhares de romeiros católicos dos mais afastados recantos do imenso território nacional e de outras regiões além fronteira, que para lá convergem amiudadamente, a fim de prestarem sua homenagem à Padroeira do Brasil, NOSSA SENHORA APARECIDA.

Na modéstia das cidades interioresanas, a histórica Aparecida do Norte apresenta, diariamente, um movimento diferente e constante de veículos e gente, ora subindo, ora descendo as ladeiras que conduzem ao pedestal da veneranda e secular Capela no alto da colina.

O viajor extenuado de longa caminhada, durante dias e noites, em caminhões, automóveis, a pé e outros meios de condução, vencendo obstáculos e mais obstáculos, através de rodovias e estradas, ali chegando deixa transparecer, em sua fisionomia, o ideal da fé que o anima, no cumprimento de uma promessa ante a imagem milagrosa de NOSSA SENHORA APARECIDA!

Com os corações transbordantes de alegria, sobem a ladeira para transpôr os umbrais do templo sagrado!

Dentre os belos exemplos de elevado alcance religioso e social que Aparecida do Norte apresenta constantemente para nossa contemplação, uma obra digna de elogio fôra organizada naquela cidade valeparai-bana — a «GUARDA-MIRIM», — com o fim de beneficiar e prestar serviços ao público.

O 2.º sargento Aristeu de Oliveira, pertencente ao tradicional 5.º B.C. sediado em Taubaté, Estado de São Paulo, destacado em Aparecida do Norte, estimado por todos, de coração boníssimo, foi o idealizador e fundador da «GUARDA-MIRIM» daquela cidade.

Num gesto fraternal para com seus semelhantes menos favorecidos da sorte, aproveitando vários meninos desocupados, dêsses existentes em nossa cidade, mobilizando-os, naturalmente, de comum acôrdo com os pais e autoridades locais, organizou a chamada «GUARDA-MIRIM», em 10 de março de 1955.

Cumprindo, diariamente, uma pequena tarefa, o mensageiro fardado, atencioso e sorridente, serve a todos, indistintamente, atendendo solícito e gentil a quem dêle necessitar uma colaboração.

Bela e proveitosa a missão dêsses pequenos guardas uniformizados,

recebendo ensinamentos rudimentares da disciplina militar, amoldados no caráter, são obedientes e cooperam junto à sociedade de Aparecida do Norte, quer na prestação de auxílios, quer na guarda de automóveis, etc.

Pelos serviços feitos, recebem pequenas gratificações, as quais o sargento Aristeu, fundador da prestativa organização, os aconselha a depositarem na Caixa Econômica ou Banco locais, em nome de cada um.

A passagem de seu primeiro aniversário de fundação, transcorrido a 10 de março p.p., a pequena corporação de «GUARDAS-MIRINS» de APARECIDA DO NORTE, hoje composta de 36 meninos instruídos e educados, cômicos de suas obrigações, recebeu justa homenagem das autoridades e da população agradecida.

Presentemente a «GUARDA-MIRIM», sob a orientação das professoras da. Conceição Borges Ribeiro e da. Lea Chagas Arantes, ministra aos pequenos mensageiros os ensinamentos necessários ao trato para com o público, atendendo, também, aos ideais da educação, isto é, à formação de bons cidadãos a serviço da PÁTRIA comum.

Sentimo-nos orgulhosos com a existência de tão bela instituição que beneficia, não só a sociedade de APARECIDA DO NORTE, como também quantos ali aportam.

Estão, pois, de parabéns, os idealizadores da «GUARDA-MIRIM» de APARECIDA DO NORTE, pela louvável iniciativa .



DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



A marca de confiança





DICK



MENOTTI DEL PICCHIA

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

«Quanto mais conheço os homens, mais admiro os cães». Aí está uma frase surrada, mas eternizando uma verdade perene. Há um homem e um cão. Um homem é o raptor de uma criança — o tipo de monstro que se focalizou em todo o mundo quando escondeu e assassinou o filho de Lindberg — e há um cão, Dick salva a criança. Quem se degrada na indignidade do crime? O homem.

Venha cá, Dick, meigo e heróico cão pastor! Pousa a cabeça nos meus joelhos, como o nobre perdigueiro de Castro Alves diante da queimada. Deixa mirar tua vigorosa cabeça, teus olhos fulgidos e sagazes, tuas orelhas hirtas tateando os rumores como antenas de um radar. Inda ofegas da canseira da penosa busca. A língua pende-te da boca. As narinas inda parecem pesquisar, com seu agudo olfato, a rajada de vento para verificar nela si há o cheiro característico do pequeno que encontraste, entanguido e amedrontado, dentro da cova. Há em ti — no teu pêlo hirto, no teu corpo ágil — o frêmito da aventura, restos da alegria da descoberta. Cão e criança sempre se entenderam. Há em ambos a mesma substância, isto é, aquela inocência tão

íntegra que estabelece logo a intercomunicação das almas. Sim, porque ninguém me dirá, Dick, que não tens uma alma como todo mundo. Foi essa alma que animou teus jarretes na longa caminhada, na busca nervosa e sensacional, porque sabias que havia uma mãe no desespero, um pai quase louco e uma criança à espera da morte.

Que morte, Dick! Morte ao lento, no descampado, sob o orvalho gélido da noite desolada, com uma voz inútil na boca fraca a apelar pela mamãe! Que morte, caro Dick! Morte na solidão, morte na escuridão, morte no frio da noite sem acústica, na qual o brado mais agudo morria como batendo inane numa muralha de chumbo...

Quando ofereceram ao teu faro o travesseiro do Eduardinho, compreendeste logo que uma criança estava ameaçada de qualquer coisa tremenda e mortal. Seu cheiro de infância — fragrância de carne tenra, com ressaibos ainda do leite materno — tocou as fibras mais profundas do teu coração. O cão é o amigo mais compreensivo da criança, porque a alma do cão é uma alma que jaz em perpétua infância, uma alma elementar, simples, ingênua,

que ficou apenas na sua parte boa porque é uma alma que não cresceu. Você, Dick, ao aspirar o cheiro da pequena vítima, recebeu um chamado. Ele, lá do mato onde o escondera o bandido raptor, gritou por socorro. Você ouviu sua voz, mormente mas aflita, o brado do seu desespêro diante de sua misteriosa sorte. Porque o haviam abandonado a mamãe, o papai, os irmãos, as coisas familiares? Você Dick, percebeu que a maior angústia da criança raptada era seu abandono e sua solidão, era não poder explicar porque o haviam largado sem carinho, sem defesa, sem apóio. Você imaginou a imensa miséria dessa criança que a monstruosa fereza de um homem, havia arrancado do seu ambiente familiar, do seu mundo doméstico, para largar no universo sem ecos daquele esconderijo onde só uma última coisa lhe poderia varrer o pavor e o desespêro: uma lenta morte.

Então, Dick, correte como um doido, aspirando as rajadas de vento, procurando nelas a direção da qual provinha o chamado. Aguçaste o faro como quem ergue uma antena para acolher a onda do S.O.S. que alguém envia nas vascas do desespêro e na suprema luta contra

a morte. Animava-te o desejo de aplacar a dor dos pais da criança, dor que agora com as notícias dos jornais e dos rádios, já era uma dor da cidade, alargando-se pelo Estado, já cobrindo a nação.

Por fim a mensagem te veio, cheiro de criança misturado com o cheiro acre das ervas. Era lá que estava êsse pequeno corpo em vésperas de entrar em agonia. Então correte como um desesperado, viste a cova estranha e, por fim, o corpinho do menino, semi-morto de frio e de medo. Soitaste um latido festivo. Tudo em ti foi vibração, alegria, entusiasmo. Clamaste pela guarda. Latiste, uivaste, saltaste de alegria incontida enquanto, fraterno e consolador, lambeste as mãozinhas já quase regidas da vítima resuscitada.

Brávo, Dick! Ainda uma vez dignificaste a raça dos cães. Nessa hora, esgueirante, tremendo de medo e de remorso, o misterioso raptor se arrastava pelas sombras. E então tu pensaste:

— E dizerem que eu sou um cão e que aquilo é um homem...

(Transcrito de "A GAZETA" de 24-V-56.

★ ★ ★

IN MEMORIAM

Datando da primeira grande guerra, há a inscrição seguinte, sobre o túmulo de uma mula do Exército: «Em memória de Maggie, que durante a vida escoiceou dois coronéis, quatro majores, dez capitães, 24 tenentes, 42 sargentos, 432 outros graduados e soldados, e por fim, uma bomba de retardamento».



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharel em Jornalismo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Foi, sem dúvida, o fato mais comentado desses últimos tempos, o noivado de Sua Alteza Sereníssima Rainier III, de Mônaco, com a atriz americana Grace Kelly, nascida Grace Patricia, e figura da alta sociedade de Filadélfia, nos Estados Unidos.

Poucos não foram os comentários desairosos que surgiram a este respeito, pois, no momento em que as representantes das Casas Reais da Europa lutam para conseguir um pretendente de seu nível hierárquico, o soberano do menor e mais rico principado, renegando-as a um plano secundário, procura esposa no meio cinematográfico.

Depois de terem sido baldados seus esforços no sentido de "cair nas graças" da atriz francesa Gisele Pascal, Rainier III volta-se para os Estados Unidos da América do Norte e arrebatou-lhes a sua artista mais promissora: a loura, bela e glacial Grace Kelly.

O casamento de Rainier era não só uma necessidade, como um imperativo, pois Mônaco carece de um herdeiro para garantir a vida deste principado, cobigado que é pela França.

O Príncipe deu o seu passo decisivo, o passo tão almejado pelos seus 25.000 súditos; agora, se o fez acertadamente ou não, é o que iremos saber daqui há algum tempo.

RITA CASSIA

Ser ou não ser

Um jornal da cidade do México, considerando o longo espaço de tempo que um telegrama gastou para ir do correio local à reda-

ção, incumbiu um repórter de fazer uma sindicância.

O jornalista foi ao jardim zoológico e descobriu que uma tartaruga, cuja velocidade é de 9 metros por minuto, teria efetuado a re-

ferida entrega com uma vantagem de 10 minutos sobre o mensageiro.

* * *

Na sacristia da igreja de uma aldeia da costa da Inglaterra, as noivas são me-

didas e pesadas, depois do casamento. Tal fato se verifica em virtude de ter um dos habitantes, por testamento, deixado um prêmio de 100 libras para as noivas mais alta, mais baixa, mais pesada e mais magra do ano.

* * *

Um pobre aluno da Escola Naval americana, de Anápolis, foi "jubilado" em virtude de, por um capricho da natureza, ter transgredido um dos regula-

mentos daquela célebre escola militar. É que, ao ingressar, media 1,85 metros; entretanto, continuou crescendo a ponto de atingir a altura de 1,92 metros. Teve que abandonar o curso, pois a altura máxima admitida é, como se sabe, a de 1,90 metros.

* * *

Phillip Stafsieu e James Cady, quando em uma festa, tiveram suas carteiras "batidas" por mãos ágeis. Como era de se esperar, ficaram inconsoláveis.

Dias após, contudo, receberam, pelo Correio, a importância de 40 dólares, ou seja, 10 a mais do que lhes fôra furtado, e mais o seguinte bilhete:

"Caros rapazes, os 5 dólares extras, que envio a cada um de vocês, são destinados à compra de novas carteiras. Sinceramente, em toda a minha vida de profissional, jamais vi carteiras tão estragadas como as suas"...

Elegância e Personalidade

Toda pessoa que vive em contacto diário com seus semelhantes, é obrigada a conhecer uma série de regras de cortezia, a fim de não fazer feio em parte alguma.

Assim é que, torna-se necessário saber agir na hora adequada, portando-se de maneira correta e condizente com a sua posição e, principalmente, com a sua personalidade.

Eis aqui algumas regras de etiqueta que lhes serão de grande valia.

a) Uma senhora, quando sôzinha, em um hotel, não deverá se fazer notar nem pelo seu modo de trajar, nem por atitudes afetadas. É isso porque uma bela mulher pode ser admirada, mesmo que não assuma, em tais ocasiões, ares de estrêla em repouso.

O que seduz é atitude séria, reservada, porém natural...

b) Um cavalheiro deverá, sempre, ajudar a dama que acompanha, quer ao entrar, quer ao descer de um carro. Todavia, deve-se observar que, para prestar este auxílio, ele deve apenas estender a mão para que a senhora ali se apoie; não é preciso, nem é bonito segurar-lhe o braço e levantá-lo, como se vê fazer freqüentemente.




A HISTÓRIA

SE REPETE

Grace estava linda em seu vestido de noiva, todo de renda branca. Ao seu lado, em seu uniforme de gala, Rainier III todo compenetrado, pensava no futuro risonho que estava à sua frente.

Sim, teriam muitos filhos; Mônaco continuaria a ser um principado; os monegascos jamais pagariam impostos e a França não teria, tão cedo, a oportunidade de sonhar com este pequenino, mas rico e independente pedaço de terra da Riviera Francesa.



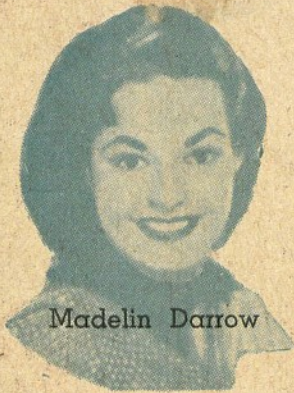
O Principado de Mônaco, o menor Estado soberano do mundo, com uma superfície de 1,5 Km², localiza-se no pitoresco departamento dos Alpes Marítimos, no sul da costa francesa.

Mônaco, La Condamine e Monte Carlo compõem o pequeno principado habitado por 25.000 almas.

O palácio do príncipe, de aspecto original e imponente, ao mesmo tempo, foi construído em 1215, tendo sido reformado no século XV e, finalmente, embelezado e ampliado no século XVI.

Uma torre guarnecida de ameias de estilo mourisco domina sua entrada. À frente do palácio estão ordenadamente dispostas seis peças de artilharia e duas pilhas de balas esféricas, que datam do século XVI.

No clichê, aspecto do palácio do príncipe Rainier.



Madelin Darrow



Jan Darly



June Kirby

Como tôdas vocês sabem, Samuel Goldwyn ficou famoso devido ao fato de saber escolher as suas estrêlas. São tôdas elas bonitas, elegantes, simpáticas e, o que é mais interessante, desprovidas de afetação. Assim sendo, vejamos alguns de seus conselhos de beleza:

1) Para que seus cílios dêem um toque de beleza aos seus olhos, convém aplicar-lhes um pouco de rimel, porém de côr apropriada ao seu tipo. Antes, contudo, convém lavá-los bem, enxugando-os, em seguida, com uma toalhinha de papel.

Aplique o rimel desde a raiz dos cílios, até a ponta dos mesmos. Não se esqueça, depois, de retirar os pingos de rimel que, acidentalmente, tenham caído no rosto.



C
O
M
O
S
E
R



2) Para as sombrancelhas, use o mesmo tipo de rimel ou, se preferir, lápis, mas nunca de tom ou marca diferente do preparado que usar para os cílios.

3) Não use nunca batom de côr lilás ou sulferino, pois, de acôrdo com as técnicas em maquiagem, essas tonalidades envelhecem. Procurem usar uma côr clara para durante o dia, e um pouco mais avermelhada, para a noite.

4) O "rouge" deverá ser da mesma tonalidade do batom e, quanto ao uso de pó de arroz, aconselham as Goldwyn-Girls que o mais acertado é usar-se, também, uma tonalidade mais clara para o dia e um pouco mais escura, à noite.

B
E
L
A

MODELOS CASEIROS

Para vobçs, leitoras, que gostam de ficar em casa de quimono ou roupão, aqui estão dois lindos modelos que farão as delícias dos olhos de seus maridos.



Barbara Rush, estrelinha da Universal, apresenta-nos um original e lindo casaco, inspirado em modelos orientais.



© desenhista Bill Thomas criou este modelo, que tanto pode ser usado como quimono ou como roupão, para a atriz Kathleen Hughes, também da Universal Internacional.

O tecido empregado em sua confecção é tafetá listrado de preto e branco.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

RECEITUÁRIO AMOROSO

Colegial — Rio Grande do Sul —
Deixe de bobagem. Aproveite a vida,
enquanto pode, mas, sempre dentro de
uma conduta impecável. Nunca saia com
um rapaz, se não gostar de sua com-
panhia e nem chegue altas horas da noi-
te.

Procure ir a lugares bem frequen-
tados e não dê escândalos, principal-

mente se em público. Lembre-se: "O
maior bem que a mulher possui é a sua
reputação"...

* * *

Doentia — Jaboticabal — Trate de
procurar um médico. Não se fie em opi-
nião alheia e jamais tome um remédio,
sem que este tenha sido indicado pelo
seu médico. É muito melhor ir a um
especialista e ficar sabendo a verdade,
do que se está envenenando, diáriadamen-
te, sem que haja motivo para tal.

TESTE DE INTELIGÊNCIA

Responda as seguintes perguntas, sem consultar os livros:

- 1) Em que país o Ganges é considerado "um rio sagrado"?
- 2) Qual a língua predominante no leste da Europa?
- 3) Quais os povos que adotam o fetichismo como religião?
- 4) O castelo de Osaca é uma obra prima arquitetônica de que país?
- 5) Qual o significado da palavra indígena "Corumim"?

ENRIQUEÇA SEU "MENU"

Antigamente, quando tínhamos visitas, era costume oferecer-se uma xícara de café, ou mesmo uma chávena de chá. Hoje, com a descoberta dos inúmeros produtos farmacêuticos, que visam melhor proteger os nossos organismos dos venenos que diariamente ingerimos, já se torna mais adequado, mais na moda mesmo, oferecer-se uma bebida mais forte, um "cocktail" último tipo.

Assim sendo, para que as nossas leitoras se sintam mais à vontade, publicamos estas receitas que, não só

são de fácil preparo, como também não sairão lá muito caro para o bolso de seus queridos cara-metas...

MANHATTAN LATINO

1 parte de "Ron Merino"
(Ouro Velho ou Extra-Velho);

1 parte de Vermouth; al-
gumas gotas de uma bebi-
da amarga qualquer;

2 cubos de gelo.

Coloque os ingredientes
num copo grande e mistu-
re bem, mas sem bater.
Coa em taça de "coquetel".
Enfeite com uma cereja.





MERINO ZOMBIE

Encha um copo grande, com gelo picado. Acrescente:

1 cálice de "Ron Merino" (Prata)

1 cálice de "Ron Merino" (Ouro ou Extra-Velho);

1 cálice de Merino 121.

Enfeite com fatias de limão, laranja e abacaxi.

Sirva com canudos.

NOTA — Não altere a ordem dos ingredientes, e não sirva mais de um coquetel, a nenhum convidado, pois, apesar de não parecer, esta bebida é bastante forte.

"JULEP" MERINO de Hortelã

1 colher de chá de açúcar prêto; 6 folhas de hortelã; água suficiente para dissolver o açúcar; 3/4 de um copo alto de gelo pi-

cado; 1 cálice grande de Ron Merino (Ouro ou Extra-Velho).

FAZENDEIRO

Suco de um limão de tamanho pequeno; 2 colheres de chá de açúcar prêto; algumas gotas de "Bitter" ou qualquer bebida amarga; 1 cálice grande de "Ron Merino".

Bata tudo e coloque, depois, num copo grande, cheio de gelo picado. Decore com frutas.

Esmague bem a hortelã no açúcar, adicione depois a água e o Ron Merino. Mexa e adicione o gelo.

Coloque 3 ramos de hortelã no copo, para formar um pequeno "bouquet".

Se você, leitora amiga, não dispõe de posses para fazer uma farta mesa de doces, no dia de seu casamento, eis o que melhor lhe convém.

Faça um casamento simples e, para a mesa, convide apenas os padrinhos, parentes e, se desejar, os amigos mais íntimos. Ofereça alguns salgadinhos e, como doce, apenas este bonito, original e gostosíssimo bolo, cuja receita vai a seguir:





Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

Ingredientes

1/2 quilo de açúcar; 1 lata de manteiga (500 g.); 9 ovos; 1/2 quilo de araruta; 1 cálice de "cognac"; 1 colher de sopa de sumo de limão galego; 1 colher de sopa, não muito cheia, de fermento "Royal".

Modo de fazer:

Bate-se 1/2 quilo de açúcar com 500 g. de manteiga, até ficar cremoso e branco. Em seguida acrescentem-se as gemas, uma por uma, tornando-se a bater.

Separadamente batem-se as 9 claras, até o ponto de suspiro. Depois disso, coloque-se uma colher de clara, na massa cremosa substituída pela manteiga, açúcar e gemas, seguida por 1 de araruta.

Repete-se o processo até que termine a araruta e as claras.

Por último adicione o "cognac" e o sumo de limão, não parando de bater.

Acrescente o fermento, mexa mais um pouco e, finalmente, despeje a massa

em duas fôrmas previamente untadas com manteiga, levando a forno regular.

Para o nosso caso, as fôrmas devem ter o formato de um coração.

Se quiser rechear, faça-o com ameixas ou creme de leite.

Enfite com côco ralado.

NOTA — Não altere o modo de fazer este bolo, pois o segredo está, justamente, em se fazer o mesmo do modo que indicamos.

Frio e Calor

Não sei se as minhas leitoras de outros Estados, e mesmo do interior de São Paulo, sofrem tanto quanto as paulistanas, no que diz respeito à ação de climas variados, em um só dia.

Todavia, tal fato é comuníssimo nesta Capital e, assim sendo, temos de enfrentar um problema muito sério, qual seja o de se estar sempre elegante e bem aquecida dentro das roupas escolhidas.

De manhã faz um frio de gelar as costelas; ao meio dia, um sol de Verão; à tarde, um clima típico de outono e, à noite, quando não chove, venta, um frio seco e irritante.

Ora, assim sendo, não há roupa capaz de nos aliviar do calor e, ao mesmo tempo, nos proteger do inverno, se bem que tentemos, o mais possível, munir-nos de agasalhos fáceis de serem carregados.

RESPOSTA AO
TESTE DE CONHECIMENTO

- 1) Índia
- 2) A russa
- 3) Africanos

- 4) Japão
- 5) Índio pequeno

DESVIOS DE EFETIVOS -- DA FÔRÇA PÚBLICA -- PARA DESFILES E EXIBIÇÕES

A propósito de uma notícia inserta na edição de 25 de maio, da «Fôlha da Manhã», o cel. Rubens Teixeira Branco, comandante geral da F.P., encaminhou àquele órgão da nossa imprensa a seguinte carta:

«Dentro do princípio que nos impusemos, de prestar os mais amplos esclarecimentos à população que servimos e a à imprensa escrita e falada de São Paulo, julgamos oportuno situar convenientemente, nos exatos limites, o assunto veiculado pelo respeitável matutino tão superiormente dirigido por V. Sa., em sua edição de ontem, sob a epigrafe «Desvio de efetivos da Fôrça Pública para desfiles e exhibições».

«Diz a notícia que a «Fôrça Pública, nos feriados e nos dias de comemorações cívicas ou militares, desvia grande parte dos seus efetivos para participar de desfiles e outras exhibições militares de caráter ornamental «sic», acrescentando, ainda, que «êsse procedimento ocorre frequentemente durante todo o ano, tantas são as festividades de que a milícia participa, como, ainda, se verificou ontem, aniversário da Batalha de Tuiuti»...

«Em abono da verdade, é preciso afirmar-se desde logo que, no ano em curso, apenas duas datas foram comemoradas festivamente pela Fôrça Pública; 21 de abril — Dia das Polícias, e 24 de maio — Batalha de Tuiuti.

«Releva notar que a Fôrça Pública, como sempre, realiza êsses programas obedecendo a rigoroso planejamento, que é estudado em tôdas as suas minúcias, de sorte que os próprios policiais empregados nas

demonstrações permanecem praticamente de prontidão, aptos a atenderem, devidamente comandados, a qualquer emergência.

«As recentes greves nos transportes coletivos da capital encontraram a Fôrça Pública na primeira linha da manutenção da ordem e da preservação do patrimônio público. A corporação atendeu, pronta e eficazmente, às instruções diretas do exmo. sr. governador do Estado, na madrugada do dia 2 do corrente mês, graças à facilidade com que pode convocar todos os seus elementos. Basta um toque de reunir.

«Os resultados foram de tal ordem que a imprensa em geral não regateou aplausos pela ação pronta, enérgica e comedida dos elementos da Fôrça Pública nessa emergência.

«No início dêste ano, justamente para evitar o eventual afastamento de policiais em serviço, determinou êste Comando que os fe-

riados e datas festivas, excetuado o dia 7 de setembro, em que a Fôrça Pública, em conjunto com o Exército, cultua o dia de nossa estreme-cida pátria, fôsem comemorados por meio de demonstrações de ação policial, onde se dá ao público a certeza do grau de treinamento da policia fardada, suprimindo-se os desfiles militares, os quais importam no emprêgo de grandes efetivos.

«O acêrto da medida se patenteou nas solenidades comemorativas do Dia das Policias, quando vimos se apresentarem no Estádio Distrital da Moóca apenas 112 policiais e um contingente escolar, que só participa de policiamento em ocasiões excepcionais.

«Ali, enquanto guarnições de bombeiros atestavam ao público presente no antigo Prado da Moóca o seu grau de treinamento, outros saíam de seus quartéis para debelar incêndio de proporções, em São Caetano do Sul. Se houvesse necessidade, as guarnições presentes na Moóca, sem entrave algum, em perfeita ordem, atenderiam a qualquer chamado urgente.

«Ontem, dia 24, houve, no Quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, cerimônia de prestação de compromisso e entrega de espaldas aos novos alunos-oficiais, solenidade que vem sendo realizada há 20 anos, e na qual só tomam parte os alunos do próprio estabelecimento. Numa e noutra solenidade não houve desvio de um homem sequer do policiamento. Realizando-as, este Comando não cancelou nenhum compromisso da Fôrça relativo à sua função precípua.

«Acrescenta, ainda, a nota, que tais comemorações resultam «no encerramento do expediente da Corporação, ficando as autoridades civis impossibilitadas de para ela apela-rem, em caso de policiamento indispensável, ou de qualquer outra providência que lhe deva ser solicitada, em caráter extraordinário».

«Ainda é de rejeitar-se tal assertiva, pois, em tôdas as unidades da Fôrça Pública, quer da capital, quer do interior do Estado, há, sem interrupção, serviço organizado para atender a qualquer policiamento de emergência.

«Isto pôsto, não seria mesmo fastidioso lembrar-se que o culto ao passado é condição essencial para a sobrevivência da Pátria. Em nosso país, infelizmente, tem-se descuidado dessa reverência aos heróis nacionais, e; por isso, as mais altas autoridades educacionais brasileiras têm feito sentir as danosas consequências reservadas para o futuro, decorrentes do atual descaso na celebração das datas festivas da História Pátria. A Fôrça Pública, que sempre se esmerou na exaltação dos vultos dos nossos maiores, continuará palmilhando a senda de civismo, com absoluta fidelidade aos regulamentos militares que a regem.

«Agradecendo antecipadamente a atenção dispensada pela direção da FÓLHA DA MANHÃ aos presentes esclarecimentos, este Comando continua à inteira disposição para outros informes julgados necessários».

Luís da Câmara Cascudo

O Cabo de Ordens do Governador

== Alberto Maranhão ==

ALBERTO MARANHÃO era Governador. Tinha Ajudante d'Ordens, Joaquim Anselmo Pinheiro Filho, o Capitão Quincó. Tinha, naturalmente, ordenanças, dois cabos do Batalhão de Segurança.

Um dos Cabos era caprichoso, bem vestido, irrepreensivelmente fardado, limpo, de espada reluzente. Alto, forte, morenã, dava vista vê-lo passar, perfilar-se e bater continência.

Na casa do Governador, casado e com filhos, o Cabo era amigo dos meninos. Ia comprar farinha de milho no Paço da Pátria e cocada preta na Montagem.

Uma manhã um dos filhos do Governador, menino ainda, gritou pelo Cabo e pediu que levasse o cavalinho de sua propriedade para a casa de vovó, na Vila Barreto, onde está a Residência Salesiana. O Cabo segurou as rédeas do cavalo e levantou o pé para montar. O menino gritou-lhe: — Não monte, não, Cabo. E' para levar puxando pela rédea...

O cabo ficou firme. Foi respondendo: — Não posso. Estou fardado, de talim e espada. Soldado fardado não puxa animal pela rédea feito arrieiro. E' uma desmoralização. Levo o cavalinho indo montado. Puxando não levo não senhor!...

Leva! Não levo! Leva! Não levo!

— E se Papai mandar?...

Papai era o Governador do Estado. O cabo não pestanejou.

— Se o Governador mandar eu não levo não, senhor!

— Vou mostrar como você leva!...

Correu para dentro do terraço. A voz de Alberto Maranhão elevou-se, serena, chamando: — Cabo!

Lá se foi o Cabo. Perfilou-se. Mão na ponta da pala. Hirto. Du-ro.

— Que é que você disse a essa criança?

O cabo contou a história inteira.

— E disse que se eu mandasse você não levava?

— Disse que se o senhor mandasse eu não levava, porque não acredito que o Governador queira desmoralizar o seu Cabo de Ordens, soldado do seu Batalhão. Alberto Maranhão limitou-se a dizer: — Vá para o Quartel, Cabo. Apresente-se lá...

O Cabo marchou para o Quartel. Apresentou-se. O Comandante era Lins Caldas, mandou chamá-lo e ouviu o caso todo.



Cabelos sedosos

PETRÓLEO
JUVENIA
TONIFICA-FIXA
PERFUMA



Depois apareceu o Ajudante d'Ordens do Governador, o capitão Quincó. Meteu-se no gabinete do comando e saiu uma hora passada.

O Cabo estava pensando. Prisão, rebaixamento, repreensão. Largaria tudo e ia-se embora, com a carreira interrompida por causa do cavalinho do menino.

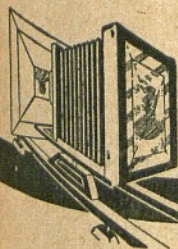
Tardinha houve a leitura do DETALHE, o Boletim de então, escrito a bico de pena. O Cabo ficou ouvindo, esperando a sentença.

A sentença veio. Cabo promovido a Terceiro Sargento.

Alberto Maranhão era assim...

Falta dizer o nome do Cabo, perdão, do terceiro sargento. E' o major Joventino Cabral da Silva Leite, tão conhecido como o Rio Potengi, veterano da nossa Polícia Militar, dando carreira em cangaceiro, desarmando valentão, pegando gatuno e vivendo limpo, pisando estrada reta, num passo igual e justo, como outrora, no tempo querido em que tinha duas tirinhas no braço, que Alberto Maranhão mudou para três, premiando a dignidade militar do seu Cabo de Ordens.

(Da revista "O Bando", de Natal — R.G. do Norte)



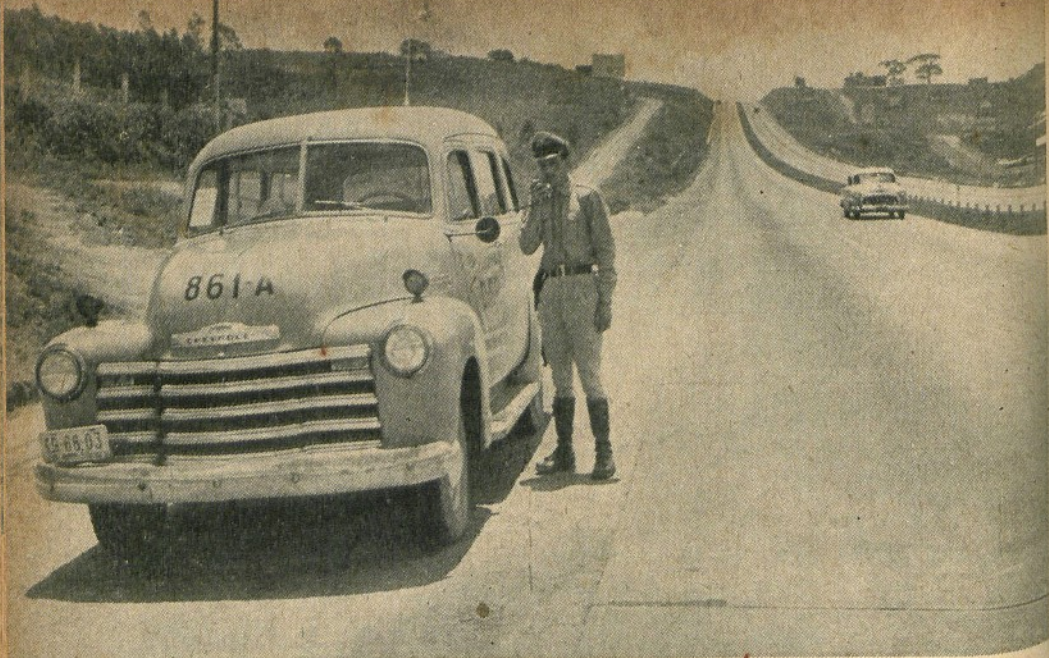
CLICHES
TRACO
TRICROMIA
AUTOTIPIA

Fotografia

MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.

R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAUL



POR MUITOS MESES, a cidade paulista de Tambau se transformou no ponto de convergência de doentes e sofredores de cada canto do País, que para lá rumavam à cata das bênçãos do padre Donizetti Tavares de Lima. A notícia de milagres espalhou-se com tal celeridade que a cada passo era maior o número de peregrinos que engrossavam temporariamente a pequena população tambauense.

Um grupo de funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo encarava esse afluxo desordenado de desesperadas pessoas em busca de cura, não como um problema religioso, mas como grave perigo para a segurança rodoviária, sobretudo depois que o piedoso pároco anunciou que poria fim a suas bênçãos públicas no dia 28 de maio, como efetivamente aconteceu.

O comando da Polícia Rodoviária e seus assessores técnicos, isto é — aquele grupo de funcionários que mencionamos mais atrás, resolveu por isso

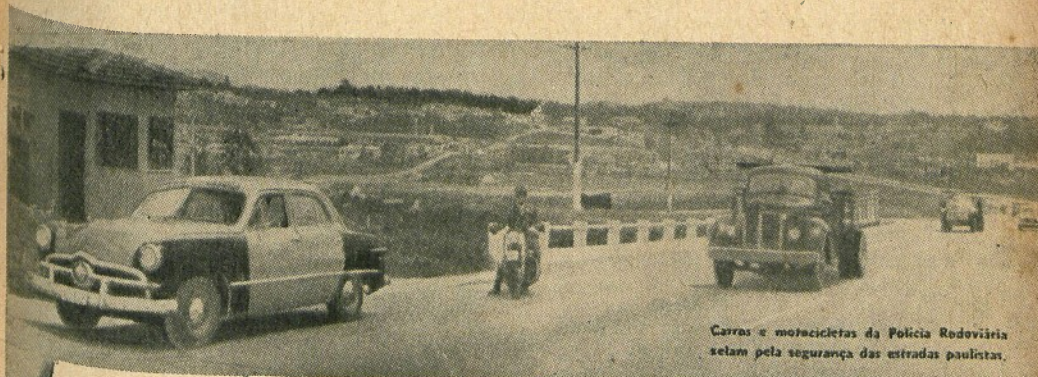
POLÍCIA RODOVIÁRIA DO ESTADO DE S. PAULO

enfrentar a situação para evitar não só o congestionamento do trânsito rodoviário, como o recrudescimento de acidentes. Estabeleceu um sistema de mão e contra-mão nas estradas que conduziam a Tambau. Cerca de 40 guardas rodoviários foram concentrados na região e a missão de disciplinar e orientar o volumoso trânsito foi plenamente cumprida.

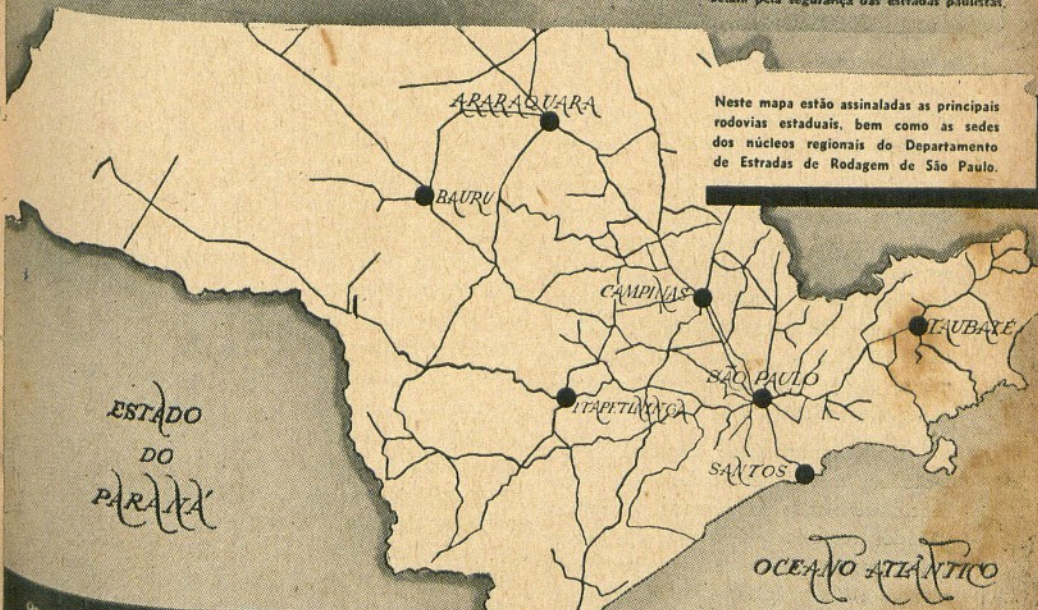
Está aí uma típica ação da organizada e aplaudida Polícia Rodoviária paulista, que em sete anos de atividades conquistou graças à educação, rigor e honestidade de seus homens, o inteiro respeito dos motoristas que circulam pelas rodovias bandeirantes.

Mas, sua missão é bem mais ampla. Além de zelar pela segurança do trânsito nas estradas de rodagem estaduais e adotar medidas adequadas para a livre circulação dos veículos, como aconteceu

nesse episódio de Tambau, sua função impõe-lhe cooperar com a Secretaria da Segurança Pública na prevenção de crimes e contravenções que ocorrerem nas estradas, exercer vigilância no sen-



Carras e motocicletas da Polícia Rodoviária setam pela segurança das estradas paulistas.



Neste mapa estão assinaladas as principais rodovias estaduais, bem como as sedes dos núcleos regionais do Departamento de Estradas de Rodagem de São Paulo.



Os carros da Polícia Rodoviária são equipados com aparelhos de radiocomunicação.



Na Via Anchieta, a velocidade dos ônis bus é controlada com o máximo rigor.

tido de evitar que as rodovias e suas obras de arte sejam danificadas, providenciar socorro médico às vítimas de acidentes de trânsito, fazer observar as disposições regulamentares, bem como multar os infratores e eventualmente apreender-lhes os documentos. De igual importância é a coleta de dados estatísticos realizada habitualmente pela Polícia Rodoviária.

O contingente da Polícia Rodoviária paulista atinge atualmente a casa dos 450 homens, nêle compreendendo-se 107 praças da Fôrça Pública, à qual também pertencem os oficiais que prestam serviço nesse policiamento especial.

A figura do guarda-rodoviário é que identifica de modo todo peculiar a Polícia Rodoviária de São Paulo. Não é fácil, contudo, tornar-se um guarda rodoviário, pois a corporação é bastante rigorosa na seleção dos candidatos, exigindo deles estas condições mínimas:

a) Ter no mínimo 21 anos e no máximo 35 anos de idade; (b) altura mínima 1,70 m; (c) estar quite com o serviço militar; (d) ter sido aprovado nos exames de sanidade e capacidade física; e (e) não ter antecedentes criminais; (f) ter, no mínimo, instrução primária, e (g) demonstrar aptidões para o serviço rodoviário.

Do programa para o exame de seleção constam ditado, redação de ocorrência verificada na estrada, e aplicação dos regimes gramaticais, em português; quatro operações, números complexos, sistema métrico e medidas do sistema inglês, em aritmética; capitais e Estados brasileiros, cidades principais, rede rodoviária e quilometragens aproximadas que ligam a capital paulista a outras cidades interioranas, em geografia. Deve o candidato, além disso, fazer uma prova caligráfica de 30 linhas.

Como consequência dessas exigências, o nível intelectual, profissional e moral desses guardas é dos mais altos. Seu procedimento na estrada é exemplar: se surpreende o motorista em infração, convida-o a exhibir os documentos, dos quais extrai os dados necessários à lavratura do auto de infração, sempre agindo com um misto de delicadeza e firmeza. Se o motorista infrator intenta fugir, o guarda procura detê-lo ou pelo menos anota o número da chapa para posterior aplicação da multa.

Na via Anchieta, o controle de velocidade é severamente exercido pela Polícia Rodoviária, principalmente quanto aos ônibus interurbanos que ligam São Paulo a Santos, os quais fazem o percurso entre os quilômetros 10 e 58 debaixo de rigorosa cronometragem, não devendo consumir menos de 50 minutos na direção São Paulo-Santos, ou menos de 54 minutos no sentido oposto.

O trabalho de fiscalização é levado a cabo em todo o Estado, cobrindo 7.505 quilômetros de rodovias, distribuídos em seis setores, cuidados por seis postos regionais: Itapetininga, Bauru, Araraquara, Mogi das Cruzes, Via Anchieta e Via Raposo Tavares. Noventa e duas viaturas são empregadas, e nesse total se contam 60 motocicletas. As peruas e automóveis são dotados de aparelhamento de rádio, comunicando-se entre si e com os postos regionais. Doravante, segundo apuramos, tal serviço de rádio funcionará em conexão com a Rádio Patrulha, da Polícia Civil, permitindo assim uma cobertura muito maior e mais perfeita de tudo o que se passa nas estradas paulistas.

A Polícia Rodoviária é pioneira no uso de radar em nosso País, para fins de controle da velocidade dos veículos. Os resultados alcançados com esse apa-



O guarda rodoviário é famoso sobretudo pelo rigor e educação com que costuma agir. Embora não transija no cumprimento de seu dever, sabe ser cortez, limitando-se a advertir o motorista faltoso ou a multá-lo.

relo são excelentes, pois simplificam enormemente a tarefa de fiscalização.

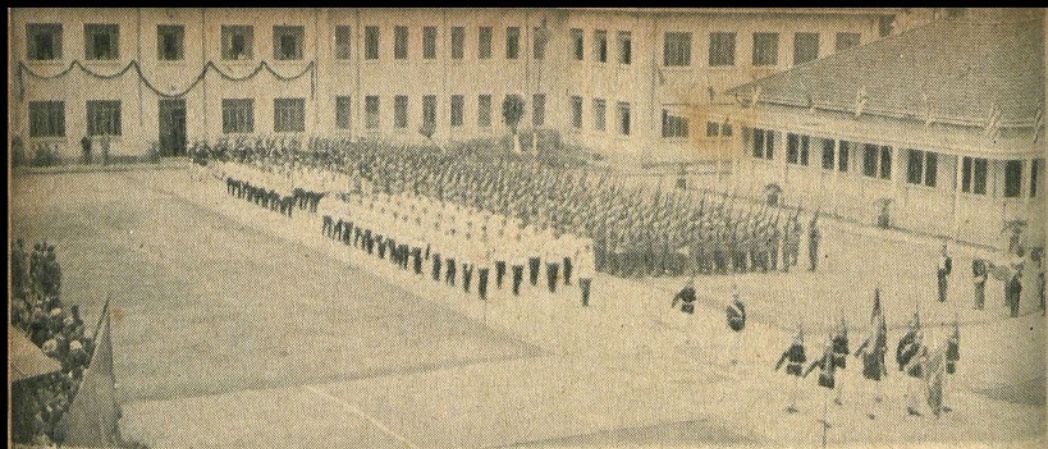
Por outro lado, está em vias de entrar em funcionamento, como decorrência do tráfego mútuo radiofônico entre a corporação e a Rádio Patrulha, um completo Serviço de Informações Rodoviárias, que centralizará tôdas as notícias recebidas dos elementos da Polícia Rodoviária espalhados pelo Estado. Assim, qualquer ocorrência, em 24 horas no máximo, será conhecida na capital paulista. Com isso, será possível prestar amplos esclarecimentos ao povo, seja sobre interrupções de estradas, condições de tempo e acidentes de qualquer natureza, seja quanto aos nomes de pessoas feridas ou mortas nas ocorrências.

A prevenção de acidentes é uma das grandes preocupações da Polícia Rodoviária, e a esse respeito o caso

de Iguape vale como uma nota de encerramento. Nos primeiros dias de agosto, realiza-se a festa religiosa de Bom Jesus de Iguape, o que atrai para essa localidade litorânea milhares de peregrinos. Este ano, a 2.ª Divisão do DER e a Polícia Rodoviária resolveram prevenir situação de insegurança rodoviária, empregando quatro equipes de guardas na região, para executar o plano de disciplinamento do trânsito com sistema de mão e contramão em estradas diferentes, e de coibição de abusos, como seja: caminhões sem segurança transportando peregrinos, ingestão descontrolada de bebidas alcoólicas, etc.

Essa atividade preventiva, sempre de bons resultados, constitui excelente amostra do que é a pequena mas altamente eficiente Polícia Rodoviária do Estado de São Paulo.

(Transcrito da "Vida na G.M.", n.º 42 — Nov.-Dez. 1955).



Vista parcial do pátio interno do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, por ocasião das solenidades.

O DIA 24 DE MAIO NO

Centro de Formação e Aperfeiçoamento

Engalanou-se o Centro de Formação e Aperfeiçoamento para, no dia em que tôda a Nação comemora com respeito a Batalha de Tuiuti, solenemente processar a cerimônia de compromisso e entrega de espadins aos 54 novos alunos-oficiais da nossa Fôrça Pública.

Da maior significação para a milícia paulista, o ato se revestiu do mesmo brilhantismo que já o vem caracterizando há 20 anos.

AUTORIDADES PRESENTES

Além do grande número de convidados e parentes dos novos-alunos oficiais, compareceram às solenidades as seguintes autoridades: General José Porfírio da Paz, vice-governador em exercício; deputado Rui de Almeida Barbosa, presidente da Assembléa Legislativa; general de exército Olímpio Falconiéri da Cunha, comandante da Zona Militar Centro; sr. João Baptista de Arrúda Sampaio, secretário da Segu-

rança Pública; sr. Valdomiro Lobo da Costa, presidente do Tribunal de Justiça Militar; coronel Rubens Teixeira Branco, comandante geral da Fôrça Pública; general Arquimínio Pereira, comandante da 2.ª I.D.; deputados Araripe Serpa, Alfredo Condeixas Filho e Alcindo Bueno de Assis; tenente coronel Luís da Gama Monteiro, representando o major-brigadeiro Luís Leal Neto dos Reis, comandante da 4.ª Zona Aérea; ten. cel. Milton Marques de Oliveira, chefe interino do E.M. da Fôrça Pú-



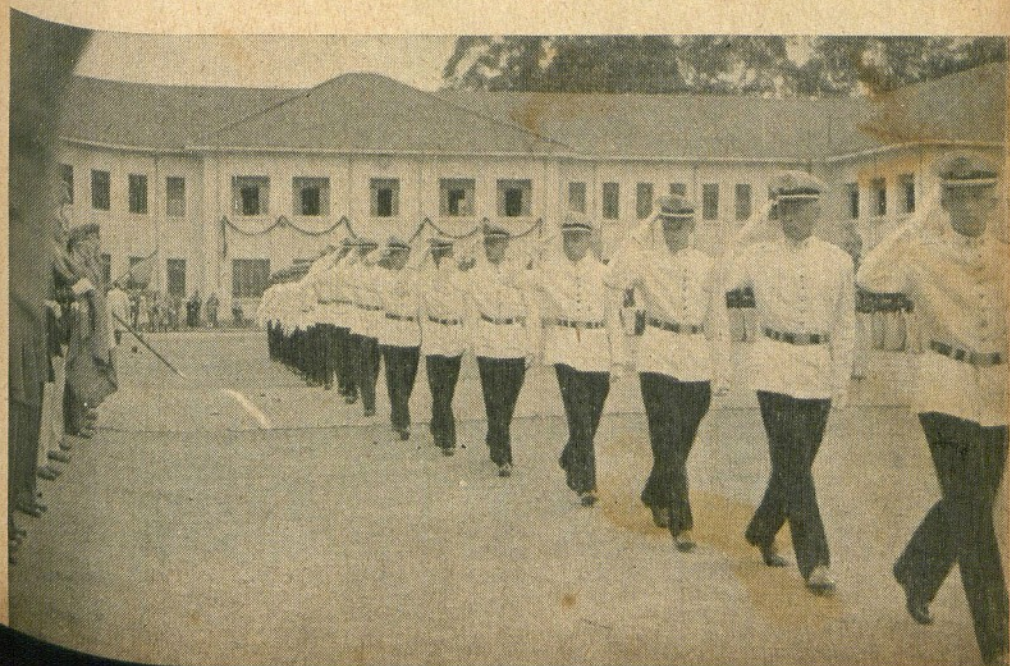
Autoridades presentes às cerimônias. Da direita para esquerda veêm-se os srs. general Arquimínio Pereira; general José Porfírio da Paz, vice-governador em exercício; general Olímpio Falconiéri da Cunha; cel. Rubens Teixeira Branco; deputado Rui de Almeida Barbosa e sr. João Batista de Arrúda Sampaio.

blica, comandantes de Corpo, chefes de Serviço e diretores de Estabelecimento da Corporação, bem como inúmeros oficiais das nossas Fôrças Armadas.

AS SOLENIDADES

Após a chegada do sr. general Porfírio da Paz, vice-governador em exercício, a quem a tropa formada prestou

Os novos alunos-oficiais prestam continência às autoridades presentes.



a continência regulamentar, tiveram início as solenidades que se desenvolveram segundo o programa organizado pelo comando do Centro.

Assim, após ter s. excia. passado a tropa em revista, processou-se a entrega dos espadins, sendo que os 7 primeiros colocados os receberam das mãos de autoridades presentes, na seguinte ordem:

1) Al. of. Darci Siqueira (General Porfirio da Paz); 2) Al. of. Wanir Stoche (General Falconiéri da Cunha);

Prestado o compromisso à Bandeira pelos novos alunos, o que se deu em seguida, os seus colegas do 2.º ano, sob o comando do 1.º tenente Valdemar Nogueira, proporcionaram à assistência belíssima demonstração de Ordem Unida, a cujos aplausos, sem dúvida, fizeram jus.

Lido o Boletim Especial alusivo ao ato, pelo coronel Arrisson de Souza Ferraz, comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, as solenidades tiveram fim com o desfile de que toma-



✻

O jovem aluno-oficial Wanir Stoche, 2.º lugar na turma, recebe o seu espadim das mãos do sr. general Olímpio Falconiéri da Cunha, comandante da Zona Militar Centro.

✻

3) Al. of. Omar C. Verde (Deputado Rui de Almeida); 4) Al. of. Valdimir Cristiano (General Arquimínio Pereira); 5) Al. of. Amador Mancini (Dr. João Batista de Arruda Sampaio); 6) Al. of. Ubirajara Gaspar (Ten. Cel. Av. Luís da Gama Monteiro), e 7) Al. of. José Carmecina Martins (Dr. Valdomiro Lobo da Costa).

Aos demais, o espadim foi entregue por suas respectivas madrinhas.

ram parte tôdas as escolas daquele estabelecimento de ensino.

OS NOVOS ALUNOS-OFCIAIS

São os seguintes, por ordem alfabética, os novos alunos-oficiais da nossa milícia:

Achiles Craveiro, Afonso Ramos de Paula, Alberto Augusto Gaspar, Alberto Bastos Dias, Amador Mancini, Antonio Gonzaga da Silva, Aristites Tre-



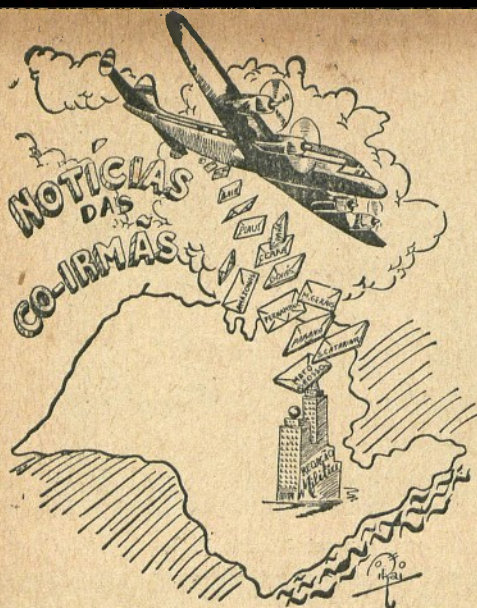
O sr. general Porfirio da Paz, em companhia dos srs. general Olimpio Falconieri da Cunha e dr. João Batista de Arruda Sampaio, secretário da Segurança Pública, passa a tropa em revista.

visan, Atila Raimundo da Silva, Celso José Ventrice, Ciro Silva, Darcy Siqueira, Edson Corrêa (PMSC), Edson Ferrarini, Edson Pasteur de Souza, Emygdio Garibe, Fábio de Vasconcelos Souza, Fernando do Espírito Santo, Flávio Vaz, Galdino V. da Silva Júnior, Gustavo Aguiar Filho, Hélio Dutra Azevedo (PMSC), Ilo Melo Xavier, Ivo de Camargo Vargas, João Angelo Machado Lima, João José Plese, Joecil Camargo da Mota, Joel Avoleta, José Carmecina Martins, José Machado Roncatti, José R. M. de Miranda Couto, Leonaldo Es-

tanislau Mezikas, Luiz G. Ferraz Nogueira, Manoel Ruperez Gimenez, Nazil Moisés Antonio, Nestor Alves de Andrade, Nestor Soares Público, Niomar Cirne Bezerra, Omar José de Campos Verde, Orlando Hildegardo Piragine, Oscar Sérgio Figueiredo e Silva, Paulo Camargo Filho, Ralph Rosário Solimeo, Rubens Cabral Faria, Rubens Goulart, Sebastião Catai, Sérgio Mônaco, Silvestre Fernandes Queiroga, Ubirajara Almeida Gaspar, Ubirajara Jorge Monari, Waldimir Cristiano, Wanir Stocche, Walter Criscibene, Wilson Corrêa Leite.

Parte da assistência que ocorreu ao Quartel do Barro Branco.





BAHIA

NOVAS UNIDADES NA POLÍCIA MILITAR

O Governo do Estado, atendendo ao que propôs o Cel. Cmt. Geral, vem de decretar a criação das seguintes Unidades: um Batalhão de Polícia Metropolitana (BPM), que fará o policiamento da Capital, ficando extinta a atual Cia. de Polícia Metropolitana; um Batalhão de Comando e Serviços (BCS), extinguindo-se o atual Contg. de QCG; e, uma Companhia de Recrutas.

As unidades acima passaram a ser comandadas — o BPM, pelo major Manoel Cerqueira Cabral; o BCS pelo tenente coronel José Augusto Fernandes; e a Cia. de Recrutas, pelo capitão Nestor Tavares da Silva, sendo designado Instrutor Geral da Cia. o capitão Jorge da Silva Freire.

DIRETORIA DO CENTRO DE INSTRUÇÃO

O Centro de Instrução, que tem a incumbência de formar oficiais, sargentos e cabos, tem novo diretor, com a designação feita pelo Comando Geral do major Edson Franklin de Queiroz; que deixou as funções de Chefe de Gabinete do Comando Geral.

CHEFE DO GABINETE DO COMANDO GERAL

Passou a exercer as funções de Chefe de gabinete do Comando Geral da P.M., o major Durval Tavares Carneiro.

CONDECORADOS PELO MINISTRO DA JUSTIÇA.

Pelo ministro da Justiça foram agraciados «como reconhecimento aos seus méritos»: com a «Medalha Marechal Hermes da Fonseca» os céis. Almerindo do Nascimento Reheme, Felipe Borges de Castro; tens. ceis. Temístocles Duarte Lima, Antônio Medeiros de Azevedo, Antônio Rodrigues de Souza e Francisco Pedro da Fonseca; majores Edson Franklin de Queiroz, Manoel Cerqueira Cabral, Durval Tavares Carneiro, Manoel Ramos Deiró e Antídio de Oliveira Matos; caps. Autímio Alves Porto, Romenil de Meireles, Nivaldo Lins Costa e Ulisses da Rocha Pereira; tenentes Valdir Neves de Aguiar, Dilson Freitas Seixas, Valter Alves Guimarães, José Lopes Modesto, Alírio Cerqueira da Silva, Zacarias Mustafa e Umberto Costa Sturaro.

Com a «Medalha Marechal Caetano de Faria» os cap. Jorge da Silva Freire, Lourildo Lima Barreto, Nestor Tavares da Silva e Genival Freitas

NOVA DIREÇÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS

Foi eleita, e empossada no dia 17 de fevereiro, a nova Diretoria do Clube dos Oficiais: presidente — cap. Genival de Freitas; vice-presidente, major Manoel Cerqueira Cabral; 2.º vice-presidente, cap. Salatiel Pereira de Queiroz; 1.º secretário, cap. Nestor Tavares da Silva; 2.º secretário, cap. Antônio Factum Pita; diretor cultural, major Edson Franklin de Queiroz; diretor-recreativo, major Péricles Barbosa de Castro; diretor-esportivo, cap. Gutemberg Sodré Gonçalves; orador oficial, cap. Antônio de Carvalho Melo; 1.º tesoureiro — 2.º ten. José Leonardo de Marinho Neto; 2.º tesoureiro — 1.º ten. Adalberto Cunha.

Também, ficou assim composto o Conselho Deliberativo: cap. Otávio Falcão Brandão Sobrinho, 1.º ten. José de Oliveira Andrade, cap. Jorge Silva Freire, 1.º ten. Valter Luís Guanais Mineiro, cap. Autímio Alves Porto, cap. Florivaldo Neves da Silva, 1.º ten. Alírio Cerqueira da Silva, major Euvaldo Pinho, ten. cel. Francisco Pedro da Fonseca e major Alvim Rodrigues de Melo, — que estão indicados em ordem de votação.

GRÊMIO ARTUR CÔRTEZ.

O Círculo Litero Esportivo da Escola de Formação de Oficiais passou a ser denominado «Grêmio cap.

Artur Côrtes», numa justa homenagem dos jovens e futuros oficiais a quele ilustre e dedicado companheiro do passado, idealista e batalhador incansável pelo desenvolvimento da instrução e pelo engrandecimento da milícia baiana. Ao capitão Côrtes e seu irmão tenente Arquias Côrtes, agradece a Polícia Militar o muito que fizeram, em seus dias, pelo incentivo às letras, fundando os primeiros órgãos de divulgação cultural na Corporação.

DISTRITO FEDERAL (POLÍCIA MILITAR)

«Cosme e Damião» revivem seus antepassados

Para o povo carioca, a semana iniciada a 12 de maio foi de grande júbilo, vez que tiveram lugar as comemorações do 147.º aniversário da Polícia Militar do Distrito Federal — a corporação dos «Cosme e Damião» — a quem está entregue a proteção dos seus lares, da sua vida. Neste quase sesquicentenário de bons serviços prestados à causa pública, de uma corporação cuja fama já transpôs nossas fronteiras — como é o caso dos oficiais que cursaram, recentemente, a Usarcarib School (”), — aquêlê mesmo povo carioca não ficou alheio à efeméride, aliando-se às comemorações.

No 4.º pavimento do Edifício Mesbla, foi orgaizada uma exposição retrospectiva da Polícia Militar, uma interessante mostra dos seus feitos, troféus e suas armas, através dos tempos, desde a sua fundação, em 1809.



Detalhe da exposição: um quadro demonstrativo dos diversos serviços prestados por "Cosme e Damião" à cidade; na outra foto, uma dupla de policiais ladeando uma interessante panóplia mourisca e ladeados, por sua vez, por duas armaduras.

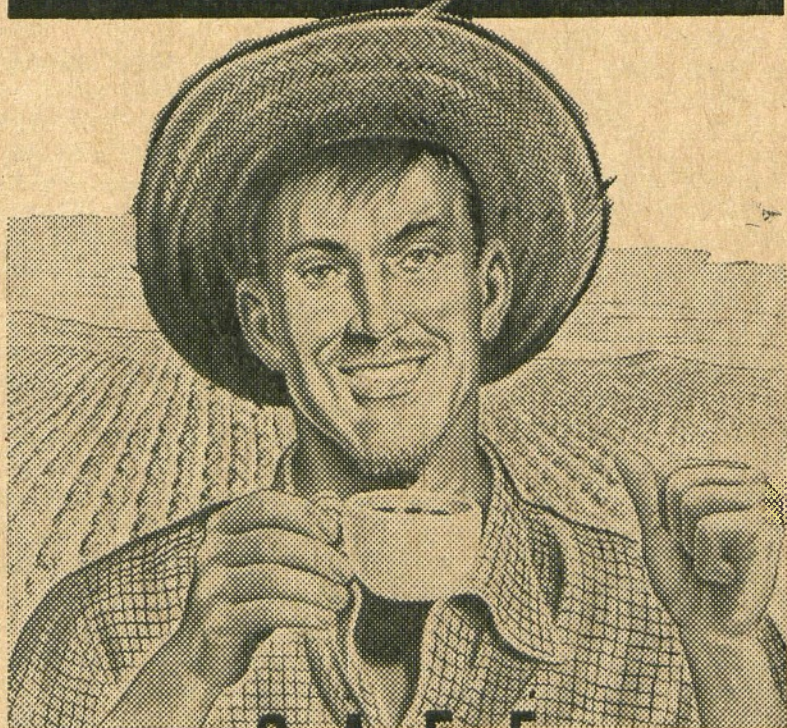
Entre os inúmeros troféus que ali se encontram, está a famosa bandeira do 31.º de Voluntários da Guerra do Paraguai, bandeira gloriosa que participou da campanha desde o seu início e que traz, ainda, a marca de sua passagem pelos campos de batalha em manchas de lama e sangue no tecido esfarrapado. Podem ser vistos, também, os documentos de nomeação e exoneração do Duque de Caxias do Comando do Corpo dos Guardas Municipais Permanentes, datados de 1832 e 1837, respectivamente. E as armaduras, francesas e mouriscas, que certamente «Cosme e Damião» usariam, se existissem naquela época, além das armas, desde o florete e o mosquetão até às modernas metralhadoras I.N.A. e Thompson.

O Cão e o Canhão

Há, ainda, um interessante quadro de «Cosme e Damião», de Robert Thom, demonstrando que a corporação já adota oficialmente o apelido pelo qual a população se acos-

tumou a identificar os dois mantenedores da ordem, sempre juntos na sua missão de policiamento da cidade; o canhão «La Hite» antiquíssimo, e o corpo empalhado do cão «Bruto». Estes dois últimos acompanharam o 31.º de Voluntários formado de soldados e oficiais da corporação, à campanha do Paraguai. «Bruto» — esta é a sua história — entrou um dia no quartel do então Corpo dos Guardas Municipais, como um «vira-lata» qualquer, vindo a cair na simpatia dos «praças», que o adotaram como mascote. Seguindo a corporação para a guerra, «Bruto» participou com ela dos sofrimentos e das canseiras da campanha e até dos combates, como o prova a baía de fuzil que recebeu no lombo. Escapou de morrer, dessa vez, apenas para receber a consagração de volta vitoriosa, pois pouco depois «comeu bola», criminosamente atirada por um fiscal municipal.

ÊTA CAFÉZINHO BOM!



CAFÉ
Caboclo

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES

O Cel. Ururahy na «A Voz do Brasil da cidade.

O cel. João Ururahy de Magalhães, comandante da PMDF, pronunciou, no dia 12 de maio, através de "A Voz do Brasil", a seguinte palestra sobre a corporação:

"Confesso que não tenho palavras para agradecer as simpatias manifestadas por tôdas as classes e organizações sociais nesta Semana da Polícia Militar que amanhã termina.

A Corporação que amanhã completa 147 anos está, sem dúvida no coração da cidade.

Criada por D. João VI, a 13 de Maio de 1908, com o nome de Divisão Militar da Guarda Real de Polícia, teve como primeiro comandante o Coronel José Maria Rebelo, retirado da chamada tropa de linha, para organizar e comandar a nova instituição.

O Rio de Janeiro, com a vinda da Família Real, que deixara Portugal invadido pelas tropas de Napoleão, e aqui se acolhera, sofria uma transformação radical.

Dentre tantas criações úteis e indispensáveis à vida e fortalecimento do reino, D. João VI criou a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia, com três companhias de infantaria e uma de cavalaria, que se alojaram no Campo de Santana, no Valongo, do Livramento à Saúde, na Prainha e no campo da Ajuda.

Ao Rio de Janeiro, aberto ao comércio de tôdas as nações, aportaram navios e embarcações, em cujo bojo vinham mercadorias e idéias novas, que interessavam aos homens e penetravam nas inteligências, agitando o ambiente e envolvendo tôdas as classes. A Europa

subjugada pelo Imperador dos franceses, exportava opiniões e doutrinas. A política era assunto apaixonante e a presença do Rei suscitava aspirações dos brasileiros. A independência era ideal de muitos. Cíveis de tôdas as categorias e homens de farda a queriam".

COMANDO DE CAXIAS

...."Assim, não foram estranhas aos movimentos do período colonial até a Regência, as forças militares, e, entre estas, a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia, que logo após a abdicação de D. Pedro I, "adere ao movimento revolucionário, da noite de 13 de Julho de 1831, sendo dissolvida por Decreto de 17 de Julho".

Para substituí-la o Padre Diogo Antônio Feijó instituiu o Corpo de Municipais Permanentes, nomeando para comandá-lo o Tenente Coronel Luiz Alves de Lima e Silva, que durante sete anos no exercício das funções, assegurou a estabilidade da regência e consolidou o trono para a ascensão de Pedro II.

Em 1838 por Decreto de 16 de Janeiro desapareceram os Municipais Permanentes, para surgir o Corpo Policial da Côrte, sob o comando do Coronel Antônio Sampaio, que depois tombaria gloriosamente, à frente da sua Divisão Couraçada, na batalha de Tuiuti, a 24 de Maio de 1866.

Nova transformação em 1866, em que por Decreto de 27 de Janeiro foi instituído o Corpo Militar da Polícia da Côrte, desdobrado, em Corpo Militar e Corpo de Cíveis, que se tornou conhecido como Guarda Urbana, até os primeiros anos da República, mesmo depois que o Decreto n.º 1 de 15 de Novembro de 1889, dia da proclamação do novo

regime, criou o Corpo Militar de Polícia do Município Neutro e em 1890 Regimento Policial da Capital Federal, sob o comando do Coronel Bernardo Vasques.

Ainda em 1890, recebeu a Corporação o nome de Brigada Policial da Capital Federal, que durou até 1905, quando teve a designação de Fôrça Policial da Capital Federal, para voltar em 1911 a ser Brigada Policial até 1919, quando passou a ser Polícia Militar do Distrito Federal, que permanecerá até o dia que o nosso desamor à tradição resolver substituí-lo por outro, sem raízes no tempo, sem passado e sem nada que recorde os penosos sacrifícios dos que edificaram através dos anos a história da corporação. Século é meio de atividades formam o ativo da organização policial ostensiva.

A SERVIÇO DA PÁTRIA

"Nomes que honram as classes armadas, figuram na galeria dos ex-comandantes. Caxias e Assunção, Sampaio e Piragibe, Leite de Castro e Silva Teles, Taumaturgo e Souza Aguiar, Hermes e Silva Pessoa, brilham no Panteão da Corporação como construtores da sua glória.

Os mihêres de oficiais e praças que formaram nas suas fileiras, deram as energias da mocidade e o calor do seu entusiasmo para manter inabalável, pelos anos afôra, a milícia centenária que a inércia dos acomodados quis extinguir por inútel.

O amor à tradição e o sentimento do dever dos oficiais e praças, levantou-a mais alto, integrou-a na sua finalidade para lançá-la eficiente, útil e prestativa, no serviço da cidade, e plantá-la definitivamente, na admiração

do povo. A história do Brasil está irmanada, a sua vida. Seus quartéis foram palco de cenas patrióticas. Ela existe pela cidade e por ela se devota.

Ao encerrar a semana da Polícia e agradecer a simpatia e solidariedade da imprensa, do rádio, das autoridades e do povo, a Corporação reverencia ao mesmo tempo a memória dos seus mortos, dos que alicerçaram sua fama e morreram para que ela sobrevivesse, e, ao mesmo tempo, presta a homenagem da sua gratidão aos oficiais e praças reformados, que souberam por largos anos, suportar as asperezas do ofício e as penas da profissão, honrando o passado, dignificando o presente e legando para o futuro lições de nobreza e lealdade, que irradiam da farda que envergaram no serviço da Pátria e do Brasil".

Melhoramentos na PM

Entre as comemorações do aniversário, o comando da PM fêz inaugurar uma série de melhoramentos na corporação, dêles se destacando o Gabinete de Identificação, o Gabinete Médico do CSA, novo refeitório das praças do Regimento "Caetano de Faria" e outros.

Delegação da PM da Bahia

A delegação da PM baiana, que foi ao Rio para participar das comemorações aniversárias da co-irmã carioca, foi homenageada, no dia 17 de maio, com um almôço oferecido pelo comandante e oficialidade do 5.º BI, sediado na praça da Harmonia.

Os visitantes foram recebidos pelo tenente coronel João Pereira da Cunha, comandante daquela unidade, e pelo coronel Ururahy de Magalhães, comandante geral da PM. Após a formatu-

ra de efetivo do 5.º BI e a visita às dependências do quartel, realizou-se o almoço, tendo discursado na ocasião o tenente coronel João Pereira da Cunha, e coronel Manoel da Graça Lessa, comandante da delegação baiana e o major Manoel Cerqueira Cabral, que manifestou o agradecimento de seus companheiros pela acolhida que lhes vinha dispensando a Polícia Militar do Distrito Federal.

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

1.º CENTENÁRIO DA CORPORAÇÃO

Cunhagem de medalha comemorativa

O sr. Nereu Ramos, ministro de estado e Negócios Interiores, baixou, em 20 de março próximo passado, a seguinte portaria:

Considerando que o século de lutas, todo é inteiramente dedicado ao bem público, em que os bombeiros se têm empregado, com denodo, bravura e coragem, no combate ao fogo, auxílio a feridos e a vítimas de desabamento e toda uma série de perigos, merece ser devidamente realçado por todos os meios de que dispõem os Poderes Públicos para enaltecer os componentes daquela briosa Corporação;

Considerando que o 1.º Centenário do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal deve ser ressaltado, como testemunho do alto apêgo em que é tida a Corporação, não só pelo Governo como também pela população do Distrito Federal;

Considerando que é, assim, oportuno seja fixada indelêvelmente essa efeméride:

Resolve determinar a cunhagem de medalha comemorativa da passagem do 1.º centenário da criação daquela Corporação.

A concessão da medalha será feita pelo Ministro da Justiça, por proposta de uma Comissão por ele nomeada, aos militares e civis que hajam contribuído para maior brilhantismo do Centenário em apêgo.

As medalhas, acompanhadas dos respectivos diplomas numerados e assinados pelo Ministro da Justiça e Membros da Comissão, são em número de 2.000 apresentando as seguintes características:

- a) Forma: circular, com o diâmetro de 32 milímetros;
- b) Anverso: em relêvo, um bombeiro salvando uma mulher;
- c) Reverso: os dizeres "Centenário do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal — 1856 — 2 de julho — 1956", circundando as armas da Corporação;
- d) Material: bronze.

A medalha deverá ser usada pendente de uma fita de gorgurão de 35 milímetros de largura, de cor escarlate, com duas listras azul e branco, cada listra com 4 milímetros, sendo a cor interna branca e a externa azul.

As passadeiras devem ser recobertas com a fita da medalha. — **Nereu Ramos.**

MARANHÃO

PROMOÇÃO E REFORMA DE OFICIAIS

Por ato do governo estadual, foram reformados, no posto de coronel, os tens. ceis. Esmeraldo José Rodrigues e Oséas Reis. Em consequência, foram promovidos: no quadro de combatentes, a ten. cel., o major Aristeu do Rêgo Maranhão; a major, os caps. Pedro de Sousa Brito, Vicente de Moura Resende e João Vinhas; a capitão, os 1.ºs. tens. Bartolomeu Pereira de Oliveira Júnior, Emílio dos Santos Vieira, Eurípedes Bernardino Bezerra (nossos

representante junto à PM maranhense) e Raimundo Nonato dos Santos; a 1.º tenente, os 2.ºs. tens. Davir Mendes Ribeiro, João José de Santana, e Benedito Baima do Lago; a 2.º tenente, os aspirantes Gregório Chagas e Máximo Freitas.

No quadro de intendência, foi promovido a major o cap. Abílio Dias Rodrigues; no quadro de dentistas e farmacêuticos, foram promovidos a major os caps. Ary Guterres e Jean Buhaten.

O major Vicente de Moura Resende, por ter assumido o cargo de diretor da Penitenciária de Alcântara, passou para o quadro de agregados.

Ainda foram promovidos a subtenente, os sargentos Antônio Simão da Costa e José Antônio dos Santos.

LEI DA INATIVIDADE

Foi promulgada, em fevereiro próximo passado a Lei de Inatividade da Polícia Militar. Os limites de idade para a inatividade compulsória, com promoção ao posto imediato, ficaram assim estabelecido: tenente coronel, 62 anos; major, 60 anos; capitão, 58 anos; 1.º tenente, 54 anos; 2.º tenente 52 anos.

FORAM CURSAR O C.A.O.

Seguiram para o Rio de Janeiro, a fim de frequentarem o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da co-irmã carioca, os tenentes João Evangelista dos Reis e José Ribamar Fortes.

REPRESENTAÇÃO DE «MILITIA»

O cap. Euripedes Bernardino Bezerra, esforçado representante desta revista junto à PM maranhense, tendo obtido suas férias, delas se utilizará para empreender viagem à Amazônia, visitando não só Belém e Manaus, como também pretende atingir Iquitos, na república do Peru. Em fins de junho reassumirá as múltiplas funções que exerce em S. Luís.

MINAS GERAIS

OFICIAIS DA PM VISITAM O GOVERNADOR

Foi feita a apresentação de toda a oficialidade

Pelo cel. Manuel Assunção e Sousa, comandante da PM, foram apresentados oficialmente ao governador Bias Fortes, no dia 18 de abril último, toda a oficialidade da guarnição da capital e os oficiais do interior presentemente em Belo Horizonte.

Após aquela apresentação, falou o cel. Assunção saudando o sr. Bias Fortes e apresentando a s. excia, em nome da corporação, os cumprimentos pela sua investidura no alto posto de governador do Estado.

«Este contacto concreto que ora tomam com v. excia. os oficiais da Polícia Militar — iniciou o cel. Assunção — é protocolar, mas sumamente agradável a todos nós.

Na verdade não houve nunca a mínima parcela de divórcio entre a sua pessoa e a Corporação de que

somos partes. Se bem que, por trajectos não oficializados, o seu espírito esteve sempre adstrito à nossa convivência espiritual e moral e, mesmo no aspecto material, jamais se assinalou dissociação entre a Polícia Militar e o antigo e sempre bem lembrado secretário de Segurança e seu ex-Comandante Geral».

El, prosseguindo: «Não nos esquecemos da mão firme que conduziu a então Fôrça Pública em graves conjunturas, sempre bem ultrapassadas. Nem daquela quase preciência, inerente às inteligências lucidas, que possibilitou a reorganização efetiva da milícia e a sua coesão nos conturbados dias cuja hora havia soado.

De vossa excelência muito espera a Polícia, sem impor reivindicações porque entendemos que a espontaneidade de melhorias e benefícios é prêmio mais valioso que o conseguido por outra via qualquer. Mesmo porque adquirimos a convicção de que a apresentação de reivindicações importa em cobrar pelo cumprimento do dever, o que nos parece odioso. V. excia. verá que, como tôda coletividade nos tempos atuais, temos entre nós igual teor de soluções e de problemas. A confiança que nos inspira leva-nos, entretanto, à serenidade dos que estão certos de que os problemas serão atacados a seu tempo».

A Polícia Militar, através dos oficiais aqui presentes, traz a v. excia. hoje, os cumprimentos pela alta investidura a que o levou o povo mineiro, cumprimentos que faz a si própria também por contar em v. excia. o velho amigo que sempre es-

teve a ela aliado em qualquer circunstância. E, nesta saudação, vai também um sentido de oblata que, destituída embora do esplendor de auras votivas, incensa ao futuro, no desejo muito sincero de que o governo de v. excia. seja proficuo de realizações, para o que são penhor suficiente a reconhecida lucidez e a inegável experiência de que é detentora a sua personalidade de homem público. Na sua pessoa saudamos o Governador e o amigo tradicional da Polícia Militar».

Agradecimento do Governador

Em seu discurso de agradecimento, pronunciado de improviso, o Governador Bias Fortes ressaltou, de início, a tradição de honradez, cumprimento do dever e disciplina dos oficiais da Polícia Militar, os quais transformavam uma visita protocolar em motivo de respeitosa amizade e aprêço a quem, em outras épocas, já partilhara do seu convívio.

Referiu-se à circunstancia de ali estar junto aos bravos oficiais da Milícia Mineira, mais como velho amigo do que propriamente como Governador do Estado, acentuando ainda que a oficialidade da Polícia Militar, de hoje como de ontem, é sempre uma garantia de tranquilidade pública e o Governo de Minas tudo fará para que, êsse prestígio obtido e que já ultrapassou as fronteiras do Estado, continui impoluto e progressivo.

A moral, a austeridade profissional e a fidelidade da Corporação, salientou o Governador Bias Fortes, evoluíram com os recursos intelectuais e sociais a ela acrescidos, mas

a Polícia Militar ainda não possui o conforto material que merece em virtude de suas altas atribuições. E o seu governo não medirá esforços para levar à nossa milícia o seu amparo moral e material e, conseqüentemente, condições mais dignas de conforto aos seus leais e valorosos camaradas e suas famílias.

Concluindo, pediu o Governador Bias Fortes as bênçãos de Deus para a gloriosa corporação, a fim de que, com o seu trabalho honesto e patriótico, possam os seus membros dignificá-la ainda mais, projetando o nome de Minas, de maneira mais expressiva, no cenário nacional.

RIO DE JANEIRO

121.º ANIVERSARIO DA PM

O comando da Polícia Militar organizou vasto programa a fim de festejar, condignamente, a passagem do 21.º aniversário da criação da milícia que comanda, transcorrido a 14 de abril próximo passado. Foram expedidos convites às autoridades, à imprensa e à população, para participar dos festejos comemorativos daquela efeméride, cujo programa foi o seguinte:

1.a Parte — As 5,30 horas — Alvorada executada pela banda de corneteiros, As 8 horas — Hasteamento do Pavilhão Nacional, às 8,30 horas — Inauguração, no Salão Nobre da E.F.O., dos retratos dos ex-soldados Jorge Ribeiro da Silva e Luis Gonzaga de Oliveira, assassinados em serviço.

2.a Parte: 9 horas — Recepção, Formatura, entregas de Espadins.

3.a Parte: Desfile da Cia. de Policiamento Ostensivo, Recepção às autoridades e Exmas. famílias, no Clube dos Oficiais.

4.a Parte: a) partir das 14 horas) — Competições esportivas.

COLÔNIA PENAL «CANDIDO MENDES»

Em face do recente ato do governo fluminense, nomeando o ten. cel. José Couto do Nascimento para a diretoria da Colônia Penal «Cândido Mendes», situada em Angra dos Reis, a Assembléia Legislativa do Estado, em moção aprovada na sessão do dia 17 de maio, expressou àquêlê official as suas congratulações pela sua nomeação para aquêlê espinhoso cargo, «pois o brilhante official de nossa Polícia Militar é a garantia de uma administração honesta e proveitosa aos interesses e objetivos do Governo Federal, quanto à melhoria do sistema penitenciário brasileiro».

RIO GRANDE DO SUL

CRIADO O SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Sempre atenta à necessidade de evoluir, a Brigada Militar vem de criar, através de ato do respectivo comando, o seu Serviço de Relações Públicas.

Visando proporcionar consultas, que, por certo, seriam realizadas por elementos das co-irmãs da milícia gaúcha, dado o desusado interesse que a ciência das «Public Relation» vem provocando não só nas organi-

zações oficiais como também nas entidades particulares, passamos a transcrever o regulamento baixado juntamente com aquêlê ato.

— Capítulo I —

DAS FINALIDADES

Art. 1.º — O Serviço de Relações Públicas da Brigada Militar tem por finalidade principal manter a população do Estado ao par de todos os empreendimentos relacionados com a Brigada Militar, para o que manterá permanente contato com os órgãos de divulgação da imprensa falada e escrita, e mais:

a) — Coletar tudo que disser respeito à Brigada Militar, publicado pela imprensa falada e escrita do Estado, dando ciência ao Comando Geral, por intermédio do Ajudante Geral;

b) — Providenciar, mediante ordem do Comandante Geral, na devida resposta ao que tenha sido publicado ou divulgado com referência à Força, se fôr o caso, a fim de ser devidamente esclarecida a opinião pública;

c) — Expedir, aos jornais e rádios da Capital, diáriamente, tôdas as notícias cuja divulgação se torne necessária, tais como:

— boletim diário;

— avisos referentes à ordem pública;

— recomendações sôbre a prevenção e combate ao fogo, etc.;

d) — Assessorar os representantes da imprensa falada e escrita, devidamente credenciados junto à Brigada Militar;

e) — Dar cobertura às solenidades, recepções e festas realizadas pela Brigada Militar, promovendo a divulgação dêsses atos por intermédio da imprensa falada e escrita, sessões cinematográficas, etc., para o que, disporá de aparelhagem adequada.

Capítulo II

DA ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Art. 2.º — O Serviço de Relações Públicas da Brigada Militar terá a seguinte organização:

— um capitão ou 1.º tenente Chefe

— dois 1.º ou 2.º tenentes

— um 2.º ou 3.º sargento datilógrafo

— um cabo datilógrafo — arquivista

— um cabo telefonista

— um cinegrafista

— um fotógrafo

— dois soldados — Um estafeta e um auxiliar de cinegrafista

Art. 3.º — O SRPBM funcionará diretamente subordinado ao Ajudante Geral, devendo seu chefe entender-se com essa autoridade sôbre tudo o que fôr necessário para o funcionamento do Serviço.

Art. 4.º — O Chefe do SRPBM providenciará sôbre a instalação e manutenção, no Quartel General, de uma sala com recursos necessários ao trabalho dos representantes dos órgãos de divulgação credenciados junto à Corporação.

Capítulo III

PRESCRIÇÕES DIVERSAS

Art. 5.º — O SRPBM manterá assisnatura de todos os jornais que se publicam na Capital do Estado, assim como, do jornal mais importante dos principais municípios do Estado.

Art. 6.º — Os casos extraordinários e urgentes serão resolvidos pelo Chefe do SRPBM, que na primeira oportunidade, dará conhecimento de tal ao Ajudante Geral.

Art. 7.º — As despesas diversas a serem feitas pelo SRPBM, devidamente autorizadas pelo Ajudante Geral, correrão por conta das verbas a serem distribuídas.

* * *

O mais perdido de todos os dias é aquêlê em que não se viu.

Chamfort

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sôbre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmias Desenhados e Palavras Cruzadas.



Adquira o seu exemplar, à venda em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.



Cap. Francisco A. Blanco Jr.

ESGRIMA - [DESPORTO DO INTELECTO

X Campeonato Paulista Universitário

Campeã a Associação Atlética Acadêmica "Visconde de Cairu"

Mais uma vez reuniram-se os melhores esgrimistas das nossas escolas superiores para demonstrações das belas armas. Assim é, que nos dias 17, 20 e 23 de março último, realizaram-se os torneios de florete, espada e sabre do Campeonato Paulista Universitário de 1956, iniciando com essa modalidade o calendário desportivo da F.U.P.E.

Naquelas noitadas esgrimísticas existiu o bom senso, houve em alto grau a boa compreensão e reinou a maior camaradagem possível, numa confraternização que a esgrima sabe realizar com méritos. Não houve propriamente os menores ou os maiores. Todos se igualaram em valor, preocupados em apurar a técnica, no desenvolvimento dos múltiplos assaltos havidos. Foram duros os embates e todos deram o máximo dos seus esforços. A elegância, delicadeza e combatividade dos rapazes universitários valorizaram de

muito o campeonato de esgrima da entidade «mater» universitária bandeirante. Inscreveram-se por suas escolas nada menos do que treze espadachins, alguns já veteranos de pistas paulistas e de renome no cenário esgrimístico de São Paulo.

Foram os seguintes os resultados finais:

Prova de florete:

- 1.º lugar — Cláudio Lemmi — A.A.A.V.C. — 4 V e 0 D
- 2.º lugar — Cap. Francisco A. Blanco Jr. — A.A.A.A. G. — 3V e 1 D
- 3.º lugar — Renato Alessandri — F.A.M. — 2 V e 2 D
- 4.º lugar — Eugênio Krivcovs — Horácio Lane — 1 V e 3 D
- 5.º lugar — José Luís M. Barreto — Medicina Veterinária — 0 V e 4 D



A partir da esquerda: Cláudio Lemmi, Eugênio Kriscovs, Cap. Bianco, Jan Krotoszinski, Rafael Galombek, Thor C. Haaland, Aldo Famá e Ten. Carolino

Prova de Espada:-

1.º lugar — Ten. Carolino X. de Oliveira «XI de Agosto» — 5 V e 0 D

2.º lugar — Cap. Francisco A. Bianco Jr. A.A.A.A. — 4 V e 1 D

3.º lugar — Jan Krotoszinski — «XI de Agosto» — 3 V e 2 D

4.º lugar — Cláudio Lemmi — A.A.A.V.C. — 1 V e 4 D

5.º lugar — Thor C. Haaland — «Horácio Lane» — 1 V e 4 D

6.º lugar — Eugênio Krivcovs — Horácio Lane — 1 V e 4 D

2.º lugar — Cap. Francisco A. Bianco Jr. — A.A.A.A. — 6 V e 1 D

3.º lugar — Aldo Famá — A.A. A.E.M. — 5 V e 2 D

4.º lugar — Ten. Carolino X. de Oliveira — «XI de Agosto» 3 V e 4 D

5.º lugar — Thor C. Haaland — Horácio Lane — 3 V e 4 D

6.º lugar — Bruno Ratti — A. A.A. V.C. — 2 V e 5 D

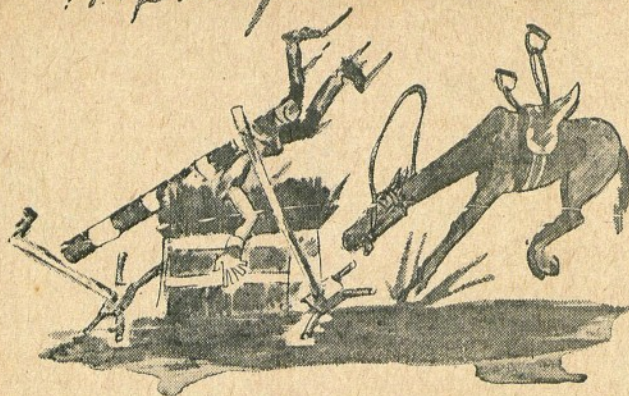
7.º lugar — Ten. Luís Sebastião Malvácio — A.A.A.A.G. — 2 V e 5 D

8.º lugar — Jan Krotoszinski — «XI de Agosto» — 1 V e 6 D

Prova de sabre:-

1.º lugar — Cláudio Lemmi — A.A.A.V.C. — 7 V e 0 D

HIPISMO



Cap.
Plínio
D.
Monteiro



PROSSEGUE A TEMPORADA

Realizou a F.P.H., na Sociedade Hípica Paulista, dia 28-V, duas provas: a 1.a, denominada «Alex Kowarich», com desempate em meia pista, em tempo; a 2.a, «Álvaro Dias de Toledo», de classe Omnia, tipo «C».

Como resultado da primeira competição, para a qual se achavam inscritos 59 cavaleiros, e cujo comparecimento foi de 44 concorrentes, tivemos:- 1.º — Marika Lindenhyn, do C.H. Sto. Amaro, conduzindo «Walada», em 29", com zero faltas;

2.º — Ainda com C.H.S.A., por intermédio de Rodolfo Lara Campos, que montou «Ejuim». Zero faltas. Tempo 29" 3/5;

3.º — Raul Sales Cavalheiro, montando «Major», C.H.S.A., com zero faltas, no tempo de 30";

4.º — Coube à Sociedade Hípica, na pessoa de J. Manoel Leme da Fonseca, que fez 0 faltas em 30" 2/5, na pilotagem de «Mig 15».

Na segunda prova chegou-se ao final assim:-

1.º — Giani Samaja, S.H.P., cavalo «Beau Brummel», tempo 1,35", 7 pontos por faltas;

2.º — Alexandre Kowarich, S.H.P., montada «Frida», 1' 23", 8 faltas;

3.º — José Manoel Leme da Fonseca, condutor de «Huracan», com 10 faltas, em 1' 23";

4.º — Alvaro Dias de Toledo, que fez 19 faltas, em 1' 48", conduzindo «Copacabana» — S.H.P..

No dia 29 de maio, outras duas provas foram assistidas na Hípica, com o final abaixo:-

Prova «Giani Samaja» — Classe «B» normal.

1.º — Teotônio Piza Lara do C.H.S.A., «Soneca», zero faltas, em 1' 11";

2.º — Lúcio Kowarich, S.H.P., «Frida», 3 faltas, 1, 27" 2/5;

3.º — João Batista Amarante Filho, S.H.P., «Mirinay», 4 faltas, 1, 13";

4.º — José Amorim, S. H. P., «Sabor», 4 faltas, 1 e 33".

«Prova Troféu Puro Sangue», 3 obstáculos, classe omnia.

1.º lugar — Giani Samaja, montando «Beau Brummel», S.H. Paulista, 4 pontos perdidos por falta;

2.º — Álvaro Dias de Toledo, também da S.H.P., que cometeu 7 faltas com «Loverain»;

3.º e 4.º, empatados:- Álvaro Dias de Toledo, cavalo «Copacabana», e Arcílio Martins, do C. Hípico Sto. Amaro, com «Lohengreen», ambos com 8 pontos por faltas.

Em seguida a essas provas, dia 1.º de maio realizou-se um concurso interno na Sociedade Hípica Paulista, com convidados especiais; e a

prova de inauguração do Santa Paula Country Club, de classe omnia, com o resultado abaixo:-

1.º — Giani Samaja, que em 26" levou «Adulon» ao 1.º pósto, sem faltas, inclusive no desempate;

Em 2.º lugar ficou o cap. Anselmo Peres que, com «Siroco» fêz, também, zero faltas, inclusive no desempate, e perdeu no tempo, que foi de 27";

A 3.a classificação coube a Lúcio Kowarich, montando «Rurik», cometendo 3 faltas no desempate; tempo 40";

4.º lugar — José Manoel Leme da Fonseca, com «Mig 15», 4 faltas no desempate, 25" 2/5.

Como se vêem, as colocações nesta última prova foram disputadíssimas, indo os classificados ao desempate.

Encerrada a Competição, foi servido pelo «Sta. Paula Country Club» um magnífico churrasco aos presentes.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9.º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Bacle.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — Capitán Moisés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Dépto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

AMAPA (Guarda Territorial)

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luis Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Euripedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º BC (Cuiabá) — Cap. Domingos Santana de Miranda

— 2.º B.C. (Campo Grande) — Ten. Cont. André Bastos Jorge

— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — Cap. Luiz Zaramela.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARA (Polícia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAÍBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luis Ferreira Barros

PARANA (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Cel. Washington Moura Brasil

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Edgar Campos Pereira

SÃO PAULO (Força Pública)

— Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. (Capital) — Cap. Ari José Mercadante

— B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio

— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Cap. Samuel Rubens Armond

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — Ten. Wagner Paulo Menezello

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuiuti Vilanova

— 7.º B.C. (Sorocaba) — Ten. José Ferreira Guimarães

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci

— S.E. (Capital) José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva

— S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva

— S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — Ten. Walter Dias

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — sr Epaminondas Caldas Camargo.

— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Ten. Teófilo Correia Dantas

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



REGULAMENTO

O primeiro torneio de 1956 abrange-
rá o primeiro semestre do ano e cons-
tará de, aproximadamente, 75 pontos,
correspondentes aos trabalhos publicados.

Os trabalhos deverão ser organiza-
dos rigorosamente de acôrdo com as de-
finições encontradas nos seguintes dicio-
nários: PEQUENO DICIONÁRIO BRA-
SILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA,
de H. Lima e G. Barroso e ÍNDICE
MONOSSILABICO ENCICLOPÉDICO, de
Ed. Lirial Jr.. São, também, adotados,
os livros de provérbios de Lamenza e dr.

Lavrud e o Dicionário Antroponímico de
Lidaci.

Aceitamos as seguintes espécies cha-
radísticas: Charadas sintéticas, haplólo-
gicas, encadeadas, intercaladas, sincopa-
das, apocopadas, aferéticas, em quadro,
em terno e metamorfoseadas. Enigmas,
desenhados (figurados e pitorescos) e lo-
gogrifos. Serão também publicadas pala-
vras cruzadas.

O prazo para remessa das soluções
que poderão vir numa lista só, termina-
rá em 30 de dezembro próximo vindouro.

1956 — 1.º TORNEIO

Janeiro-Junho

ENIGMA

52 — Se na casa do André
A sogra leva tarefa,
Arma-se grande banzé
E vai tudo para a cadeia. (8
letras)

Ruvina (QLB) Porto, Portugal

SINTÉTICAS

53 — Já observei que na ta-
berna poucas pessoas têm bom com-
portamento. 1-2

Anhangá (R.P.) S. Paulo

54 — A «paz» «te» acompanhe
atualmente. 1-1

Con Y tra (S. Paulo)

55 — Durante a refeição o la-
caio conversa com o marmanjo. 2-2

Lia. Q. Nessi (S. Paulo)

56 — Em todo agrupamento de
pessoas ativas é animada a azáfama. 2-2

Pompeu Júnior (R.P.) Botucatu, SP

57 — O meliante faz passar só-
bre a cimalha o produto do furto.
2 - 2

Zequinha Barbosa (R.P.) Caraguatá-
tuba, SP

HAPLOLOGICAS

58 — Grangeei reputação e consolido-a para não perder a importância. 3-3 (5)

Mr. Trinquesse (R.P.) S. Paulo

59 — Não tenho sob meu domínio e nem faço b^aruho por causa de uma pessoa inútil. 2-2 (3)

Paulista Velho (S. Paulo)

SINCOPADAS

60 — Quer ouvir conversa fiada? Vá ao lugar onde se vende peixe. 3-2

Braguinha (S. Paulo)

61 — Bolo pequeno dê-o ao tolo. 3-2

Con Y Tra (S. Paulo)

62 — Há escassez quando se observa que não abunda mercadoria na praça. 3-2

Paulista Velho (S. Paulo)

63 — Quem está menos sério não se aborrece. 3-2

Pompeu Júnior (R.P.) Botucatu, SP

64 — Diz eufórico o Anhangá, com o «cálce» na mão:- Quem é o chefe desta droga? 3-2

Zequinha Barbosa (R.P.) Caraguatuba, SP

AFERETICAS

65 — Está ficando decrepito o velho «Rocha». 3-2

Anhangá (R.P.) S. Paulo

66 — Todo asno tem o queixo comprido. 3-2

Braguinha (S. Paulo)

67 — E' do mentiroso essa piada espirituosa? 3-2

C. Bento (S. Paulo)

68 — E' misterioso o homem instruído. 3-2

Cilas (S. Paulo)

Ao amigo...

69 — Kurban, como advogado, é verdadeira autoridade. 3-2

Buvina (QLB) Pôrto, Portugal

METAMORFOSEADAS

70 — A mulher de quem não se quer dizer o nome tem um procedimento incorreto. 7 (6)

C. Bento (S. Paulo)

71 — O que é baixo e imundo não é susceptível de aperfeiçoamento. 4 (4)

Cilas (S. Paulo)

72 — Esta Canoa de um pau só, aument^{ada} por uma borda falsa, pertence ao praiero pescador. 6 (5)

Carike (T.B.) S. Paulo

73 — A mulher muito pequena e perfeitinha está embeijada pelo peralvilho. 6 (6)

P.Q. Nino (S. Paulo)

74 — Com fome qualquer um fica desmoralizado. 4 (4)

Plínio D. Monteiro (S. Paulo)

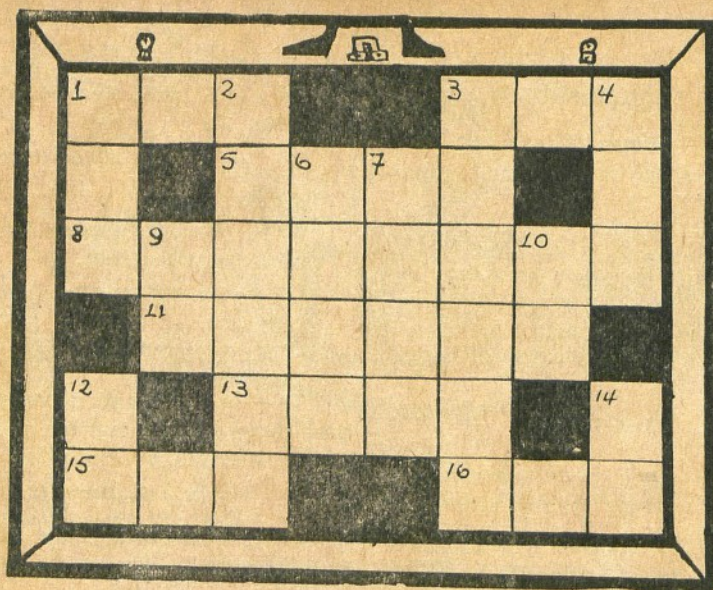
★ ★ ★

PALAVRAS CRUZADAS

75

Horizontais

1 — Dê miados, 3 — Rio da Ingl., 5 — Gato selvagem de Madagascar, 8 — Viciar, 11 — Desordens, 13 — Mãe de Thor, 15 — Pãndega, 16 — Moeda de prata de Estocolmo.



Verticais

1 — Jogador de futebol que atua mal, 2 — Traço, etc.. 3 — Homem lerdo, 4 — Título dos bispos

maronitas de origem siriaca, 6 — Constelação austral, 7 — Tocar, 9 — Triúna, 10 — Gume, 12 — Relicário, 14 — Mistura.



NOSSA CAPA

Visão do pavoroso incêndio que, em 1947, destruiu uma ala da Estação da Luz, na capital paulista



MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral.

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 198

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO X

Maio/Junho de 1956

N.º 63

DIRETOR GERAL:— cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:— 1.º ten. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
SECRETÁRIO:— major Francisco Vieira da Fonseca
GERENTE:— Cap. Miguel M. Sendin

REDADORES :

— ten. cel. mons. P. A. Cavalheiro — cap. Felix de Barros Morgado
Freire — cap. Francisco Antonio Bianco Jr.
— cap. Jorge Mesquita de Oliveira — 1.º ten. Antonio Silva

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 50,00
Número avulso Cr\$ 10,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

-
- * Desejamos estabelecer permuta
 - * Deseamos establecer el cambio
 - * Desideriamo stabilire cambio
 - * On désire établir échange
 - * We wish to establish exchange
 - * Austausch erwünscht

GIN

DUBAR



**é nosso
e
é bom**